CADERNO DE SUGESTÕES PARA O(A) EDUCADOR(A) MEDIADOR(A)

Elaboração do Caderno: **Kátia Chiaradia**[1]
Obra: ***Ada, a menina jongueira***
Autora: **Sonia Rosa**
Ilustrador: **Caio Zero**
Editora: **L&PM Editores**
Etapa: **Anos Iniciais**
Categoria 2: **Quilombola**

UM CONVITE À MEDIAÇÃO

Cara educadora mediadora, caro educador mediador,

Esta é uma carta de múltiplos reconhecimentos. Em primeiro lugar, reconhecemos a amplitude desse locus *de mediação: professor(a), bibliotecários(s), facilitadores(as) de leitura, contadores(as) de história – múltiplas facetas para o mesmo papel, aquele que personifica o elo entre o mundo do livro e o mundo do leitor. Sabemos que, em tempos de tantas distrações e estímulos imediatos, o ato de ler exige não apenas acesso, mas também encontro – e é nesse espaço entre o texto e o leitor que a figura do mediador se torna essencial e privilegiada. Nosso objetivo com este material é fornecer aparato teórico para que todo(a) educador(a) mediador(a) possa exercer com brilhantismo essa função essencial que representa metonimicamente a diversidade que celebramos.*

Reconhecemos, também, que a mediação literária é, antes de tudo, um gesto de escuta, sensibilidade e generosidade. Por meio dela, o leitor em formação pode descobrir sentidos, desenvolver a fruição literária e, principalmente, perceber-se como sujeito capaz de dialogar com a arte, com o mundo e consigo mesmo. Mediar está além de apresentar livros, é dar a mão – às vezes de forma literal – e conduzir jovens leitores por caminhos ainda inexplorados. Talvez a tarefa mais difícil da mediação literária seja, nesse sentido, sustentar o silêncio necessário à compreensão literária, encontrando um tênue limite entre ocupar e desocupar os espaços que se formam entre aquele que lê e aquele que é lido (ora pessoa, ora livro).

Em termos teóricos, este material foi pensado como instrumento para possibilitar leituras plurissignificativas, amplas, mas sempre articuladas à materialidade do texto literário, isto é, respeitando a soberania da obra. Sem desconsiderar as condições de produção do livro em questão, buscamos garantir, em cada momento ou situação, que o texto mantenha sua autonomia e possa ser subjetivamente apropriado por leitores(as) de ***5º ano*** *da etapa dos* ***Anos Iniciais****, para os quais recomendamos o livro.*

A obra que motiva este convite é sensível, poderosa e profundamente enraizada na ancestralidade: Ada, a menina jongueira*, de Sonia Rosa, com ilustrações de Caio Zero, apresenta uma protagonista negra que, ainda criança, carrega em seus passos e escutas a força da memória e da cultura de sua comunidade. Por meio de uma narrativa construída com afeto e ritmo oral, o livro convida os leitores a acompanhar Ada enquanto ela aprende, com a avó e com a roda de jongo, a importância das histórias, das cantigas, dos gestos e das raízes. A força da obra está justamente na forma como ela afirma o pertencimento e a continuidade cultural como parte da infância – mostrando que crianças negras quilombolas, ao viverem suas infâncias em comunidade, também sustentam os fios que mantêm viva a tradição e a história de seu povo. Ada não é apenas uma menina que aprende a dançar: ela representa tantas outras meninas e meninos quilombolas que crescem ouvindo, cantando e criando laços com seus territórios e saberes. Ao retratar uma infância atravessada pelo jongo, pela oralidade e pelo cuidado coletivo,* Ada, a menina jongueira *rompe com os silêncios e apagamentos que ainda marcam muitas narrativas escolares. Por isso, esta obra integra a* ***Categoria 2: Quilombola do PNLD Literário Equidade****. A personagem, com sua curiosidade, sua escuta atenta e seu corpo em roda, valoriza a identidade quilombola e promove o reconhecimento das culturas afro-brasileiras com dignidade, sensibilidade e beleza. O texto e as imagens celebram a oralidade, os afetos e os territórios com profundidade, sem recorrer a estereótipos, apresentando uma história de aprendizado, memória e coletividade.*

A narrativa da menina quilombola que conhece a si mesma, sua família e sua comunidade por meio do jongo pode ser lida como uma forma de escrita arquetípica enraizada na ancestralidade. Essa menina, ao atravessar as batidas do tambor, entra em contato com forças simbólicas profundas. O som do tambor como a voz da terra, os cantos como chamamento da memória, os passos da dança como linguagem do corpo que se lembra. Ela representa o arquétipo da criança que desperta para o pertencimento, para o tempo circular e para o poder da escuta. Ao ouvir as histórias dos mais velhos, ela se encontra com a anciã guardiã da memória. Ao dançar no centro da roda, ela encarna a heroína de sua própria travessia. Esses elementos simbólicos não são metáforas abstratas, mas estruturas de sentido que atravessam o corpo, a coletividade e o território, tal como nos mitos e rituais ancestrais. A escrita que emerge dessa narrativa toca o inconsciente coletivo, porque ativa imagens arquetípicas universais, mas a partir de uma base afro-brasileira. Ela oferece às crianças não apenas uma história, mas uma experiência de reconhecimento e espelhamento profundo.

A elaboração deste material parte do reconhecimento de que as crianças dos ***Anos Iniciais*** *estão em um momento crucial de formação de identidade, vínculos culturais e escuta do mundo.* Ada, a menina jongueira *oferece uma oportunidade singular para que esse processo se dê com respeito, encantamento e consciência. Ao colocar uma menina negra no centro de uma experiência de escuta e transmissão cultural, o livro convida as crianças a refletirem sobre pertencimento, memória e comunidade. Por isso, mediar a leitura dessa obra exige sensibilidade, escuta e confiança no que as crianças sabem – e no que ainda vão descobrir ao conhecerem histórias como a de Ada. Mesmo pequenas, as crianças são capazes de reconhecer quando uma história faz sentido, quando alguém escuta com cuidado e quando os saberes do passado ajudam a cuidar do futuro. Oferecer essa leitura na escola é mais do que valorizar uma cultura tradicional: é afirmar, desde cedo, que toda criança tem o direito de conhecer as histórias de seu povo – e que toda criança pode ser guardiã e inventora de novas memórias.*

Ao conduzir a leitura de Ada, a menina jongueira*, convidamos você, educadora mediadora, educador mediador, a acolhê-la como um espaço vivo de memória, pertencimento e escuta ancestral. Este livro é um caminho para reconhecer formas plurais de viver e transmitir saberes, em que o corpo, a música, a roda e a palavra têm papel central. Ao oferecer essa leitura, abrimos espaço para que as crianças possam imaginar a si mesmas como parte de uma rede de histórias e afetos que não começou com elas – mas que pode continuar através delas. Em* Ada*, as infâncias negras, quilombolas e comunitárias são afirmadas com orgulho, delicadeza e alegria, mostrando que a cultura popular também é herança, força e futuro. Boa(s) leitura(s)!*

Kátia Chiaradia

SOBRE A OBRA E A AUTORIA

Ada, a menina jongueira, de Sonia Rosa, com ilustrações de Caio Zero, é uma narrativa lírica e afetiva que convida as crianças a mergulharem em um universo de memória, canto e pertencimento. Por meio da história de uma menina que aprende, com sua avó, a tradição do jongo, o livro revela uma infância profundamente ligada à ancestralidade, permeada pela oralidade e amplamente vivenciada no território. Ada escuta, observa, canta e se move com o corpo inteiro – ela não apenas aprende a jongar, mas se reconhece como parte de uma comunidade que resiste e se reinventa em roda. Sem ser uma narrativa explicativa sobre culturas quilombolas ou sobre manifestações populares, o livro propõe um exercício de escuta sensível: e se as histórias dos nossos avós fossem sementes para o futuro? E se a infância também fosse lugar de herança e continuidade? Com um texto delicado e imagens que transbordam vida, a obra favorece a leitura compartilhada e a construção de sentidos coletivos, abrindo espaço para conversas sobre memória, modos de vida, identidade, pertencimento e diversidade cultural. Nos tópicos a seguir, aprofundaremos os aspectos formais e temáticos da obra, além de destacar sua relevância em projetos de letramento literário e educação para a equidade.

A autoria

Sonia Rosa é pedagoga pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (Unirio), mestre em relações étnico-raciais, escritora, contadora de histórias e professora. Autora de mais de 60 obras de literatura infantojuvenil, com destaque para *O menino Nito* (1995), *Jongo* (2006), *Maracatu* (2003), *Capoeira* (2003) e *Três histórias de encanto* (2019), finalista do Prêmio Jabuti em 2020. Sua produção é marcada pela valorização da identidade negra na infância, em narrativas que ela define como literatura negro-afetiva – histórias com muito amor e protagonismo negro positivo. Várias de suas obras foram selecionadas pelo PNLD e premiadas com o selo Altamente Recomendável da FNLIJ.

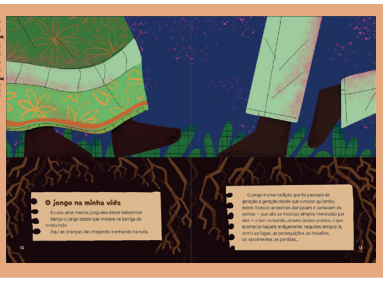
A ilustração e seus recursos visuais

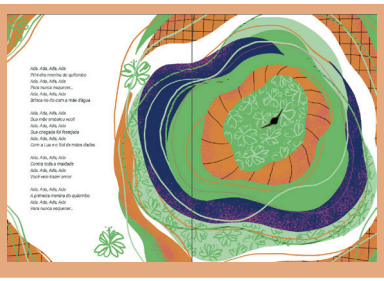
Caio Zero, licenciado em Belas-Artes pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ), com pós-graduação pelo Colégio Pedro II, é arte-educador, quadrinista, ilustrador e autor de livros infantojuvenis. Publicou *Rumi* (2021), *Cavaleiro Macunaíma* (2022), *Aqui e aqui* (2023), *Maior museu do mundo* (2024) e *Pedras mágicas* (2025), além de ilustrar *Vejamos!* (2024). Finalista dos prêmios HQMIX e LeBlanc, teve livros premiados com o Selo Cátedra 10 da Unesco PUC-Rio e com o selo Altamente Recomendável da FNLIJ.

As suas ilustrações em *Ada, a menina jongueira* não se limitam a acompanhar o texto de maneira literal ou descritiva. Em vez disso, elas ampliam significativamente o universo narrativo, assumindo um papel autônomo na construção de sentidos e revelando camadas simbólicas que não estão diretamente enunciadas na narrativa verbal. Com traços simples, mas expressivos, e uma paleta de cores intensas, as ilustrações evocam movimento, oralidade, territorialidade e memória, elementos essenciais para compreender a tradição jongueira que pulsa no coração da história. Logo nas primeiras páginas, observamos uma estética que privilegia o coletivo: corpos negros reunidos, gestos de afeto e vínculos intergeracionais. As expressões faciais e corporais são sutilmente marcadas por olhares, risos e gestos que remetem à escuta, ao brincar, à partilha e à transmissão de saberes. A roda de jongo não aparece apenas como um espaço físico, mas como uma forma de viver em comunidade e de fazer história com o corpo e a memória. Em algumas cenas, os elementos gráficos, como o fundo floral, os tecidos estampados, as curvas em espiral e os enquadramentos circulares, sugerem um universo sensível e ancestral, no qual tudo se move em roda: o tempo, o saber, o corpo e a palavra.

A escolha por uma estética mais estilizada, sem contornos rígidos, favorece a fluidez entre o real e o lembrado ou sonhado. É como se as imagens fossem feitas de memória: não buscam reproduzir a realidade com precisão, mas sim recriar afetivamente os espaços e experiências vividos por Ada. Os elementos visuais – como os livros empilhados, o chão de terra batida, as plantas, os tecidos coloridos e os instrumentos de percussão – constroem um território simbólico em que infância e tradição se entrelaçam.

Outro aspecto importante é a forma como o ilustrador representa a coletividade. Ainda que Ada seja a personagem central, ela nunca está sozinha. Há sempre presenças ao seu redor – outras crianças, mulheres mais velhas, livros e gestos. Isso reforça a ideia de que os aprendizados não se dão de forma solitária, mas na escuta, no olhar compartilhado e no convívio. Essa coletividade, que sustenta e forma Ada, está representada nos detalhes: nas mãos estendidas, nos sorrisos de canto e nas sobreposições de corpos em roda. As ilustrações também funcionam como marcadores culturais precisos, ainda que sutis. A textura dos tecidos, os penteados afro, os tons terrosos e as composições cromáticas remetem a um universo quilombola específico em que as tradições afro-brasileiras ganham forma visual. O uso de padrões gráficos inspirados em elementos naturais, como folhas e flores, articula o pertencimento da comunidade ao território, construindo uma paisagem de interior, de quintal ou de roda, onde a cultura jongueira se vive no dia a dia. A camada visual de *Ada, a menina jongueira* é essencial para a experiência estética e leitora das crianças.





As ilustrações expandem a narrativa verbal, transformando a memória e a história em imagens que giram em roda: cores intensas, formas espirais, tecidos estampados e raízes evocam coletividade, ancestralidade e o pulsar da tradição jongueira (p. 12-13 e 20-21).

ADA, A MENINA JONGUEIRA: SEU TEMA, SUA FORMA E SEU GÊNERO

Ao narrar a história de uma menina negra que escuta, observa e aprende a jongar com sua avó, *Ada, a menina jongueira* realiza um gesto de retorno e reexistência. Em vez de projetar a infância como um tempo vazio à espera de futuro, a obra a reconhece como um espaço de memória, continuidade e escuta sensível. Ada, ao contrário do que a escola muitas vezes supõe, não começa do zero: ela carrega uma história, uma herança, uma roda em que os passos que aprende são também os passos que mantêm viva uma cultura. Ao colocar uma menina quilombola no centro da narrativa, o livro desfaz, com delicadeza, o apagamento histórico das infâncias negras rurais e propõe um outro repertório: o da permanência, do afeto e da sabedoria cotidiana.

Por isso, *Ada, a menina jongueira* se inscreve com profundidade e precisão na **Categoria 2 do PNLD Literário Equidade: Quilombola**. Mais do que ambientar sua trama em um território quilombola, a obra o restitui como lugar de invenção e de dignidade. A casa da avó, o quintal florido, a roda de jongo, os gestos, os cheiros e os ritmos: tudo está vivo, tudo pulsa, tudo forma a matéria de uma infância que não está à margem, mas ao centro. O texto de Sonia Rosa evoca, com doçura e firmeza, a importância da transmissão oral, do tempo desacelerado e da sabedoria que se aprende olhando e dançando junto. As ilustrações de Caio Zero, com seus traços simples e fundos vibrantes, envolvem a personagem em uma rede de pertencimento, em que tudo comunica: os tecidos, as flores, os tambores e os olhos atentos. O tema da ancestralidade não é explicado – ele é vivido. A avó não ensina por meio de lições, mas por meio do corpo, da música, da repetição dos gestos, do acolhimento dos erros e do prazer da roda. A neta aprende com alegria, com curiosidade e com o desejo de fazer parte. Nesse movimento de continuidade, a obra recusa a lógica da ruptura e celebra a herança como fonte de alegria e futuro. Nada ali é folclore, nada é ruína: tudo é prática viva, celebrada na partilha com os outros. A roda, afinal, só acontece com todos.

Ao mesmo tempo, *Ada, a menina jongueira* afirma uma relação orgânica entre território, cultura e identidade. Não há separação entre o saber e o lugar, entre o corpo e a terra. O chão batido, o tambor que vibra, o corpo que gira: cada elemento compõe uma cartografia quilombola, em que o saber se move em círculo, como a roda de jongo e o tempo da tradição. É assim que a obra dialoga com temas centrais da categoria **Quilombola** – como a oralidade, a sustentabilidade cultural, a organização comunitária e a presença viva da ancestralidade. Mas faz isso pelo encantamento, pela imagem e pela música que se insinua entre as palavras, sem didatismo. Ao recusar o exotismo e o estigma, o livro constrói uma experiência estética e afetiva de reconhecimento. *Ada, a menina jongueira* não é um livro sobre o jongo, é um livro que jonga. Que gira em roda com quem lê. Que canta o tempo das avós, mas também convida as infâncias de hoje a escutarem de novo. Nessa proposta, a literatura se torna ponte: entre gerações, entre saberes, entre o passado e o porvir. E é nessa ponte que Ada se movimenta, como uma menina que escreve, dança e escuta – e que, com seus pequenos gestos, dá continuidade ao mundo.

O gênero **memórias ficcionais** ocupa um território da linguagem que articula lembrança e invenção, realidade e imaginação. Em *Ada, a menina jongueira*, essa mistura não representa um limite indefinido, mas uma escolha poética e política: inventar uma lembrança possível, construir uma infância que talvez nunca tenha sido registrada, mas que merecia ter sido lembrada. Sonia Rosa não escreve o que viveu, tampouco narra uma trajetória pessoal. Ela dá corpo a uma memória que pulsa no coletivo, no silêncio e na dança das infâncias negras quilombolas. A autora cria um texto que evoca afetos, pertencimentos e saberes por meio de uma narrativa delicada, que se alinha à tradição da memória como reconstrução sensível do passado, como define Massaud Moisés (2013). Para ele, a memória literária não está ancorada na cronologia, mas nas impressões que marcaram uma existência ou, como neste caso, que mereciam marcar. Em vez de didatizar o jongo ou explicar a ancestralidade, o livro opta por encarnar esses temas numa menina que escreve, dança, escuta e se lembra, rememora. É a memória como gesto inventado, como reparação simbólica.

☞ Intertextos: Essa memória como gesto inventado e reparação simbólica aproxima-se do conceito de escrevivência, cunhado por Conceição Evaristo. Um conceito que ilumina a potência de narrativas que emergem da experiência concreta e coletiva das meninas e mulheres negras. Assim como em *Ada, a menina jongueira*, a escrevivência é mais do que autobiografia, é uma escrita comprometida com a memória de um povo, onde o vivido e o simbólico se entrelaçam. No caso da menina quilombola retratada no livro, sua descoberta de si e do mundo por meio do jongo é uma forma de escrevivência: sua infância, seu território, suas danças e afetos se tornam matéria narrativa. A ancestralidade não aparece como pano de fundo, mas como linguagem que pulsa em cada gesto e palavra. A partir de entrevistas e ensaios de Conceição Evaristo (2015, 2000), é possível dizer que a escrevivência não se dá fora do corpo. É uma escrita que sai da carne, do vivido e do ancestral. Ela nasce quando a memória encontra a palavra.

A obra não descreve uma festa do jongo, ela a recria. Não informa sobre os quilombos, mas os convoca por meio da imaginação. Trata-se de uma estratégia estética que aproxima o livro daquilo que o próprio Moisés aponta como marca do gênero memórias: uma subjetividade intensa, uma aproximação do lirismo e uma evocação do vivido que pode se confundir com o desejado. O texto também dialoga com outras formas híbridas, como a biografia ilustrada, que combina narrativa e imagem para expressar memórias íntimas ou coletivas. Como no caso de *Frida Kahlo: uma biografia* (2018), em que a subjetividade visual amplia o significado das palavras, *Ada, a menina jongueira* também mobiliza ilustrações sensíveis e simbólicas que expandem a memória narrada. Portanto, a escolha do gênero memórias ficcionais não é apenas uma moldura narrativa, mas uma chave de leitura. Ela permite que a história de Ada funcione como um arquivo sensível, um lugar onde saberes silenciados são reinscritos na literatura. A menina que escreve sua lembrança é, na verdade, uma guardiã de algo que lhe foi negado e que agora ela mesma inventa para poder continuar. Ao fazer isso, Ada não apenas relembra: ela recomeça. E convida outras infâncias negras a também se reconhecerem como parte de uma história que, mesmo interrompida, ainda dança.

"Indo além": chaves de leitura, contexto de recepção e tema fraturante

Em sua mais recente obra publicada no Brasil, *Biblioteca na escola*, Silvia Castrillón (2024), uma das mais renomadas vozes ibero-americanas nas pesquisas sobre mediação de leitura literária, afirma que a mediação realizada principalmente por professores(as) e bibliotecários(as) deve ser "essencialmente uma prática de intervenção social" (p. 87). Ela ainda critica projetos sociais que "reduzem a ampla dimensão da cultura escrita ao uso instrumental da leitura e da escrita" e defende que, ao contrário de tal projeto, a mediação de leitura deve sempre "ir além", promovendo e expandindo "o acesso das pessoas à cultura escrita, ajudando-as a questionar as ordens simbólicas que limitam suas experiências consigo mesmas, com os outros e com o mundo" (Castrillón, 2024, p. 87-88).

Nesse sentido, inspirados por Castrillón, convidamos você, mediadora, mediador, a pavimentar conosco o caminho que permitirá a seus estudantes e estudiosos "ir além". Para tanto, vamos nos aprofundar em três **chaves de leitura** que consideram o **contexto de recepção**, sendo que uma delas pode, para muitos, ser tema doloroso e **fraturante**.

O significado por trás dos nomes

Em *Ada, a menina jongueira*, os nomes dos personagens funcionam como chaves para compreender a tessitura simbólica da narrativa e seu enraizamento na tradição africana. Desde a escolha do nome da protagonista – Ada, que significa "primeira filha" em igbo, uma das línguas da Nigéria –, o livro trata da importância da memória e da identidade negra na diáspora. Ao nomear sua personagem com um termo que carrega sentido ancestral, a autora afirma, logo nas primeiras linhas, a continuidade de uma linhagem: Ada é a primeira filha nascida no quilombo, mas também a herdeira de saberes que vêm de muito antes. Esse gesto de nomeação não é isolado. O nome Kofi, por exemplo, como se chama o irmão caçula de Ada, remete à tradição akan, presente em países como Gana. Ele se origina do nome "Kwaofida", que significa "divindade do Senhor da vida do dia sexta-feira". Segundo a tradição e a cosmovisão de Gana e da Costa do Marfim, o nome Kofi carrega o tempo e as forças espirituais que acompanharão a criança ao longo da vida e é dado a meninos nascidos em uma sexta-feira. Kofi Annan, diplomata ganês, é um "Kofi" muito famoso e respeitado. Ele foi por muitos anos secretário-geral da Organização das Nações Unidas – ONU, de 1997 a 2006. Ele também foi laureado com o Nobel da Paz em 2001.

Já o nome Akin, como se chama o irmão mais velho de Ada, é bastante comum entre os iorubás. Ele significa "guerreiro" ou "valente" e é escolhido por sua sonoridade, além de seu significado otimista. Akin também é o nome de um personagem de outro livro brasileiro: *Akin: o rei de Igbo* (2020), do escritor baiano Marcos Cajé. A obra fabula um reino africano anterior à colonização ocidental na Nigéria. Na vida real, o geógrafo nigeriano Akin Mabogunje (1931-2022) foi o primeiro africano a presidir a União Geográfica Internacional e o primeiro africano a ser eleito como representante estrangeiro nos Estados Unidos para a Academia Nacional de Ciências.

Esses nomes são exemplos de como a nomeação, nas culturas africanas, é uma prática profundamente ligada ao coletivo, à ancestralidade e à espiritualidade – muito distante da ideia ocidental de nome como marca apenas individual. Na prática, isso significa que, no livro, a autora fabula um espaço em que os nomes das personagens não apenas identificam, mas significam, evocam heranças e se conectam a uma comunidade de memória. A ficção se torna, assim, um território de afirmação identitária. Essa chave de leitura pode orientar você, mediador(a), a perceber que, embora a história de Ada seja inventada, ela se ancora em referências reais das culturas quilombola, africana e afro-brasileira. Os nomes que a autora escolhe não são aleatórios: eles guardam histórias, saberes e vínculos, funcionando como pontes entre o presente e o passado, entre a escrita e a oralidade, entre o corpo e a memória.

O quilombo como território de intimidade ancestral

> *Intimidade, em minha tradição, é mais do que um laço entre duas pessoas. É um espaço sagrado, onde o espírito pode habitar e onde os ancestrais são convidados a participar.*
> *(Sobonfu Somé em* O Espírito da Intimidade*, 2018).*

O quilombo é, por essência, uma escola viva de liberdade. Nele, a aprendizagem acontece nos gestos cotidianos, nos rituais, na partilha da terra e na escuta dos mais velhos. Ensina-se com o corpo, com o tambor, com a oralidade e com a ancestralidade. O território, mais do que cenário, é professor. Nele, a criança vivencia os ciclos da natureza, os segredos das ervas, o valor da coletividade e a beleza de ser quem se é. No quilombo, educar não é disciplinar, é pertencer a uma história, a uma comunidade e a um povo em luta. Essa forma de aprendizagem subverte a lógica escolar eurocentrada, pois valoriza saberes tradicionais, relações intergeracionais e práticas educativas enraizadas no cotidiano. É uma pedagogia do cuidado, da memória e da reexistência.

Ao nomear a intimidade como um espaço sagrado onde o espírito e os ancestrais habitam, Sobonfu Somé (2018) evoca uma visão de mundo em que as relações são tecidas com afeto, responsabilidade coletiva e conexão espiritual. Essa perspectiva se aproxima profundamente da vivência em quilombo e é amplamente percebida nas relações que Ada estabelece com sua comunidade.

Nos quilombos, a intimidade não se restringe ao campo do privado, mas se expressa no mutirão de plantio, na roda de jongo, no cuidado entre vizinhos, no conselho dos mais velhos e nas histórias contadas à sombra da árvore ancestral. Amar, educar e conviver são atos comunitários, mediados por valores que envolvem respeito, partilha e ancestralidade. Reconhecer essa cosmovisão como chave para o livro é fundamental para criar ambientes onde a escuta sensível e a troca afetiva possam florescer. A leitura, nesse contexto, se torna também um ritual de reconexão com o coletivo, com a terra e com os saberes – que não estão apenas nos livros, mas nas pessoas e nos territórios. É o exercício da intimidade que torna possível a experiência de viver juntos, de conhecer mais a nós mesmos, de manter viva a memória dos que vieram antes.

Quando a realidade é bem diferente

Na leitura de *Ada, a menina jongueira*, é fácil se encantar com a relação entre a menina e sua avó: uma convivência cotidiana e amorosa, feita de histórias, ensinamentos e dança. A roda do jongo não é apenas um espaço cultural – é também um lugar de escuta, afeto e continuidade. A presença da família é sentida em cada gesto, em cada palavra e em cada memória que Ada registra no seu caderno. Ela não está só, está rodeada por uma comunidade viva, que a vê, acolhe e acompanha. Mas essa imagem, ao mesmo tempo terna e potente, pode produzir um contraste doloroso com a experiência de muitos(as) estudantes. Afinal, nem toda criança tem uma avó por perto. Nem toda criança vive em uma casa cheia de memória, cercada de tempo e escuta. Muitas vivem em lares marcados pela ausência, pelo cansaço ou pela distância – às vezes física e às vezes emocional. Em alguns casos, a figura da avó é apenas uma lembrança; em outros, nem chegou a existir. E, quando o livro oferece essa presença tão bonita e constante, pode surgir uma pergunta difícil: e se eu não tenho ninguém assim?

Por isso, é fundamental que a mediação literária abra espaço para escutar não apenas as lembranças, mas também as ausências. Perguntar quem são as pessoas que acompanham cada criança – quem ensina, quem observa com carinho – pode ajudar a ampliar a noção de família e de pertencimento. Também é preciso reconhecer que, para algumas crianças, essa rede ainda está sendo construída: a ausência de uma avó, um pai ou uma mãe não apaga a possibilidade de construir laços. Talvez, ao ler *Ada, a menina jongueira*, algumas crianças se deem conta daquilo que falta – mas também daquilo que pode vir a existir. E isso, por si só, já é um começo.

A IMPORTÂNCIA DE LER E MEDIAR LITERATURA

Não se forma um leitor literário unicamente a partir da leitura do texto literário: o debate sobre temas sociais relevantes para a realidade do leitor, por exemplo, também é importante. O que nos leva a uma compreensão: talvez leiamos literatura para estabelecer conexões conosco, com o texto e com outros leitores. Esse processo é uma intervenção social que possibilita aos leitores questionar as ordens simbólicas que moldam suas experiências e compreender diferentes perspectivas sobre o mundo.

Considerando que o desafio da educação literária é identificar, em cada obra, o que ela guarda e o que ela revela de **humano** e que o confronto com as obras enriquece nossa presença no mundo, manifesta-se um novo questionamento: como confrontar obras, como identificar e acessar suas diferentes camadas? A resposta é simples, embora a ação seja complexa: mediando e "indo além", como defende Silvia Castrillón (2024, p. 86). E Felipe Munita (2024, p. 97) parece continuar a conversa:

> Assim, o mediador seria alguém que enriquece a interação da criança com o ambiente e os objetos culturais, criando uma predisposição e uma curiosidade que ativam suas estruturas mentais e permitem, por extensão, a modificabilidade cognitiva buscada no processo educativo.

A arte, e especialmente a literatura, pode ser uma grande aliada nesse processo educativo que tanto almejamos. Quando lemos, temos a chance de nos colocar no lugar do outro, de imaginar situações diferentes, de pensar sobre a vida, sobre o que é ser humano e sobre os conflitos e desigualdades que fazem parte do mundo. A leitura permite sair do que é só "fato do dia a dia" e abrir espaço para refletir sobre coisas mais profundas – como o que sentimos, o que desejamos e que tipo de mundo queremos construir.

Mediar a literatura, portanto, não se resume a estimular o contato do leitor com textos literários, mas em promover um processo de apropriação crítica da cultura escrita. A mediação da leitura é um ato intencional, que envolve escolhas conscientes sobre quais livros apresentar e como conduzir a interação dos leitores com eles.

☞ A mediação de leitura acontece sempre no campo da cultura escrita e não deve ser confundida com outros processos de relacionamento literário, como a contação de história, por mais importância que tenham em alguns contextos.

Nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, o desejo de controlar o que as crianças vão pensar sobre um livro é quase um reflexo natural dos(as) educadores(as) mediadores(as) – e até compreensível, em certa medida. Afinal, o que embasa isso é o desejo de que elas "entendam direitinho a mensagem". Porém, por trás da condução rígida das discussões, geralmente com perguntas que preveem respostas fechadas, esconde-se o risco de transformar a leitura em uma prova disfarçada, podando as interpretações mais genuínas, justamente aquelas que nos dizem algo sobre a criança leitora que ali se forma. A mediação, quando guiada pelo controle, mata a descoberta, a surpresa, a dúvida e o tropeço criativo. E, sem isso, que leitor pode nascer? A vontade de "orientar" a leitura, de garantir que as crianças "entendam o que é pra entender", pode ser justamente o que empobrece a experiência literária, impedindo que ela seja realmente formadora.

Mediar leitura não é como aplicar um teste, disfarçando-o numa conversa, mas sim sustentar um espaço de escuta, abertura e partilha de sentidos. E isso inclui aceitar o risco das interpretações inesperadas, inusitadas, mas possíveis ao texto. Nesse caminho, pode acontecer de talvez admitirmos que nós, com nosso olhar adulto, deixamos passar pontos óbvios, e até primordiais, para o imaginário infantil.

Em sua obra *Eu, mediador(a)*, Felipe Munita recupera uma formulação de Tauveron (2002), que define o mediador como "jardineiro" e "garantidor dos direitos do texto", simultaneamente:

> [É preciso] agir em primeiro lugar como coletor das sementes interpretativas surgidas nas trocas para relançá-las e fazê-las germinar na discussão; e, em segundo lugar, atuar como defensor dos caminhos interpretativos que o texto autoriza, evitando, assim, situações de "delírio interpretativo" que, frequentemente, acabam esquecendo os propósitos da obra. (Munita, 2024, p. 194-195)

Na prática, a mediação da leitura é sempre um exercício de dança: o jardineiro, que cultiva possibilidades interpretativas, e o garantidor, que cuida para que essas possibilidades estejam enraizadas no solo firme do texto, alguém que assegura que as interpretações mantenham um vínculo com aquilo que o texto oferece. No entanto, Munita nos alerta: se assumimos este papel de forma rígida, podemos escorregar para uma postura de patrulha do certo e do errado, especialmente quando a escuta das crianças está subordinada a nosso "gabarito implícito". Uma mediação ideal, portanto, seria aquela que instiga sem impor, apoia sem conduzir por uma amarra, que convida à reflexão sem colonizar o pensamento. O desafio é que, mesmo quando temos consciência desse ideal, nem sempre é fácil visualizá-lo em situações concretas.

Sobre tal ponto, Mac Barnett, em *A passagem secreta: porque os livros infantis são uma coisa muito séria*, oferece uma metáfora sagaz que pode apoiar em muito quem busca escapar das armadilhas do controle na mediação: "a teoria das três tias" (Barnett, 2024, p. 39-42). Basicamente, ele conta que há três tipos de tias que lidam com crianças. A primeira tia, ao se deparar com uma criança, transforma-se em uma caricatura de afeto exagerado: voz elevada, sorriso permanente, frases programadas como "que fofo!", mesmo quando a criança mal terminou de falar. Para ela, não há ali uma pessoa inteira, mas alguém que deve aproveitar o privilégio de sua companhia. A segunda tia representa o extremo oposto. É a tia da rigidez: séria, pragmática e funcional. Dirige-se à criança como quem despeja conteúdo, e suas perguntas não visam escutar, mas testar: carregam a armadilha de terem uma resposta certa e uma errada, o que transforma qualquer tentativa de conversa em prova. Sob o verniz de interesse no pensamento da criança, esconde-se o desejo de controlá-la. Fria e didática, ela fala com a criança considerando-a um recipiente a ser preenchido de sabedoria (a sabedoria dela) a qual a criança deve apenas absorver. Essa tia até se esforça para cumprir seu papel de mediadora, mas faz isso sem escuta real, e com um senso de dever que sufoca o prazer ou as marcas que a literatura pode proporcionar.

É exatamente contra esse modelo de mediação que Felipe Munita (2024) se coloca ao recusar a leitura guiada pelo desejo de controle do(a) mediador(a). Quando o(a) educador(a) mediador(a) se transforma nessa segunda tia, ele deixa de sustentar o espaço da leitura como território de descoberta, e passa a tratá-lo como uma extensão das tarefas cotidianas de quem educa. É importante ter em mente: ser o "garantidor dos direitos do texto", ou seja, alguém que zela para que as interpretações estejam em diálogo com a obra, é muito diferente de patrulhar o que é certo e errado.

Então, felizmente, há a terceira tia – a tia legal – que não se impõe, mas compartilha. Ela espera ansiosamente que também compartilhem com ela, escuta com genuíno interesse, estabelece vínculos e reconhece a criança como sujeito pleno. Sua escuta não é estratégica, é curiosa. Sua fala não é doutrinária, é dialógica. Quando media a leitura, ela não busca respostas certas ou erradas, busca saber o que as crianças pensam.

Na obra de Barnett, as três tias são uma metáfora para três estilos de livros. Ele usa essas "tias" não para ridicularizá-las, mas para mostrar o que um bom livro infantil **não** deve fazer: agradar aos adultos – especialmente às três tias – com mensagens moralizadoras ou receitas literárias, em vez de respeitar a competência e a imaginação das crianças. Ele defende que a verdadeira literatura infantil deve encantar, surpreender e convidar à fantasia, não satisfazer padrões pedagógicos ou repressões adultas. Para nós, a metáfora e o conceito parecem coerentes e absolutamente válidos para pensarmos também sobre os perfis de mediação e mediadores(as).

Insistimos, portanto, que não se trata apenas de garantir *acesso* à literatura. A mediação deve possibilitar que os(as) leitores(as) desenvolvam autonomia interpretativa e criem relações significativas com os textos. Nesse contexto, a leitura não é um ato isolado, mas uma prática **dialógica** e **humanizadora**, de muitos sujeitos e cenários, cujo objetivo é favorecer o desenvolvimento, progressivamente, da *maneira* de ler dos(as) leitores(as).

Por que ler e mediar literatura na sala de aula e nas bibliotecas escolares?

A escola tem um papel fundamental na introdução dos alunos à cultura escrita e, portanto, na construção de sua identidade – inclusive leitora. Por isso, fala-se, já há algum tempo, sobre a importância da **mediação literária no ambiente escolar** superar o ensino instrumental da leitura, de modo que a atividade de ler não seja rotulada como uma "obrigação curricular", seja da sala de aula ou da biblioteca escolar. Ainda que, de fato, a literatura componha um currículo de finalidade escolar, ou seja, com objetivos de aprendizagem para os estudantes, ela deve ser entendida como **um espaço consistente, contínuo e seguro de reflexão**, no qual os(as) estudantes possam desenvolver pensamento crítico e **ampliar sua compreensão do mundo e de si**. Por isso, a mediação na escola deve considerar a diversidade de repertórios e experiências dos(as) alunos(as) como seres integrais, mas também como estudantes em curso.

O ensino de literatura nas escolas tem passado por importantes mudanças, com o objetivo de equilibrar dois aspectos fundamentais: a compreensão dos textos e o prazer de ler. Em vez de focar apenas no conteúdo técnico ou na leitura como entretenimento, busca-se integrar essas dimensões, oferecendo tanto leituras orientadas quanto momentos de escolha livre. Essa abordagem indica que a leitura pode ser, ao mesmo tempo, uma atividade crítica e uma experiência pessoal e envolvente.

Mais do que identificar autores ou recursos estilísticos, o foco está em ensinar uma maneira de ler que permita ao(à) estudante se conectar com os textos e construir sentidos próprios. Essa forma de leitura combina emoção e pensamento, e prepara os(as) alunos(as) para enfrentar obras mais complexas com autonomia e sensibilidade. Ao longo desse processo, a escola desempenha um papel essencial na formação de leitores capazes de interpretar e dialogar com diferentes tipos de textos.

Assim, a educação literária se apoia em dois eixos principais: apoiar os(as) alunos(as) a avançarem aos poucos no modo como leem e interpretam os textos, e trabalhar a relação entre o leitor, a obra e o contexto escolar. A meta, portanto, é formar leitores cada vez mais sensíveis, criativos e reflexivos, em todas as etapas da escola.

Essa formação precisa ser pensada como um processo que se estende ao longo da vida escolar, não como etapas separadas. O primeiro passo é ajudar os(as) alunos(as) a sentirem que a literatura os envolve e dialoga com suas experiências. Em seguida, é preciso desenvolver habilidades com prática constante, alternando momentos de mediação e leitura autônoma.

É importante também ampliar o repertório literário e o vocabulário específico, permitindo diferentes formas de fruição – desde a identificação com personagens até a percepção de jogos de linguagem mais sutis. A leitura literária vai além do sentido literal, explorando símbolos e significados mais profundos.

Convém comentarmos, também, que não é um problema, quando, em contexto escolar, um(a) professor(a) propõe uma atividade sobre contexto histórico, uma sobre "gramática" ou uma sobre aspectos temáticos. O problema é quando só se faz análise histórica ou gramatical ou temática, afinal, todo texto literário se compõe a partir dessas três instâncias.

Formar leitores, portanto, envolve mais do que ensinar sobre livros. É necessário que a mediação escolar proponha experiências que combinem envolvimento pessoal, trocas com outros leitores e reconhecimento dos diálogos entre as obras. Essas três dimensões – leitor e texto, leitor e leitores, texto e outros textos – formam a base de uma leitura significativa e crítica. Dessa maneira, cabe ao(à) educador(a) mediador(a) sempre considerar que o contato direto com o texto deve permitir respostas pessoais e leituras subjetivas, mas também oferecer apoio para que o(a) leitor(a) questione e reflita.

Por fim, para que a escola garanta que a **mediação literária** seja um processo contínuo, no qual os(as) estudantes tenham liberdade e segurança para se expressar, interpretar e questionar os textos em diferentes ocasiões (porque a aprendizagem nunca é homogênea e regular) – outro aspecto relevante é a **integração** entre a sala de aula e a biblioteca escolar. Muitas vezes, esses espaços são vistos como instâncias separadas, o que fragmenta o processo de formação leitora. Para que a mediação na escola seja efetiva, é necessário implementar um trabalho colaborativo entre professores(as) e bibliotecários(as), promovendo práticas que unam os aspectos técnicos da formação leitora, majoritariamente definidos no espaço da aula, à descoberta e contínua construção da autonomia na construção de sentidos, uma competência que não tem hora nem lugar, mas que é favorecida por espaços intencionalmente organizados para isso, como as bibliotecas (Castrillón, 2024).

E por que ler e mediar literatura nas bibliotecas públicas e comunitárias?

É indiscutível que as bibliotecas públicas e comunitárias desempenham um papel essencial na **democratização do acesso à literatura** e no fortalecimento da leitura como prática cultural. Elas são espaços dinâmicos, onde a leitura é frequentemente vivenciada de forma compartilhada e transformadora, afinal

> [...] um dos maiores prazeres que um leitor pode experimentar [é] a participação em uma comunidade que constrói significado em torno da leitura. (Munita, 2024, p. 163)

Diferentemente da escola, onde a leitura pode estar atrelada a objetivos curriculares, as bibliotecas públicas e comunitárias oferecem um espaço de descoberta mais livre, no qual leitores(as) e mediadores(as) podem explorar diferentes temas, gêneros e autores, sem nem mesmo conhecer esses termos, de acordo com seus interesses e necessidades pessoais e subjetivos.

Por isso, a mediação nesses espaços tem um caráter **diversificado** e, sobretudo, **inclusivo**. Frequentadores(as) de bibliotecas são leitores(as) em diferentes estágios de formação – desde crianças em processo de alfabetização até idosos que encontram na leitura uma nova forma de conexão com o mundo e com sua experiência de vida. Assim, as estratégias de mediação devem ser flexíveis e adaptáveis, respeitando os distintos perfis de leitores e promovendo experiências significativas. Dada a pluralidade de seu público, a mediação literária nessas bibliotecas deve, também, se articular a outros campos do conhecimento e da cultura. O diálogo entre literatura, história, ciências, artes visuais e música, por exemplo, amplia as possibilidades de interpretação e aproxima a leitura do cotidiano dos(as) leitores(as). A biblioteca, nesse caso, se torna não apenas um espaço de acesso físico ao livro, mas um território de **pertencimento e construção de identidades**, no plural.

Além disso, as bibliotecas comunitárias, muitas vezes geridas por coletivos locais, têm um papel ainda mais específico na valorização das identidades culturais das comunidades onde estão inseridas. A escolha dos acervos e as atividades de mediação nesses locais precisam considerar a realidade e os interesses dos(as) leitores(as), criando um ambiente em que a literatura dialogue diretamente com suas experiências de vida. Projetos como rodas de leitura, saraus literários e encontros intergeracionais são exemplos de práticas que fortalecem a relação dos(as) leitores(as) com os livros e com a própria comunidade.

INDICAÇÕES DE EXPLORAÇÃO DA OBRA

Ada, a menina jongueira é uma narrativa ilustrada, voltada para os Anos Iniciais, com linguagem acessível, sensível e poética e que pode ser vivenciada em diferentes espaços de mediação: salas de aula, bibliotecas públicas ou comunitárias, projetos interdisciplinares e rodas de escuta. A história acompanha Ada, uma menina que, ao lado da avó e de sua comunidade quilombola, aprende a dançar o jongo e a transformar suas lembranças em poesia. Sem recorrer a explicações didáticas, a obra convida as crianças a refletirem, por meio da literatura, sobre temas como ancestralidade, transmissão de saberes, memória, afeto familiar e pertencimento cultural. A leitura de *Ada, a menina jongueira* oferece às crianças uma experiência estética e emocional que articula palavra, imagem e ritmo, abrindo caminho para a ampliação do repertório leitor e da escuta coletiva. As ilustrações, com traço leve e simbólico, reforçam esse convite, apresentando cenas do cotidiano quilombola em sua beleza simples, mas cheia de significado. Ao observar as imagens e o texto em conjunto, as crianças são levadas a reconhecer expressões, gestos, roupas e ambientes que nem sempre são nomeados diretamente, mas que revelam vínculos, memórias e modos de viver. Trata-se de uma obra que favorece a leitura em voz alta, a partilha de histórias pessoais, o resgate de saberes orais, a valorização da cultura negra e a construção das identidades como parte viva da experiência escolar. Ela também pode inspirar propostas de escrita criativa, oficinas de dança e percussão, a construção de cadernos de memória, releituras visuais e rodas de conversa sobre as pessoas que nos ensinam, nos inspiram e nos ajudam a lembrar quem somos. Ao afirmar a centralidade de uma infância negra quilombola marcada pelo afeto e pela escuta entre gerações, *Ada, a menina jongueira* convida as crianças a reconhecerem suas próprias raízes e a se verem como autoras de sua história. É uma leitura que amplia horizontes, valoriza as vozes quilombolas silenciadas e mostra que há muitas formas de aprender, lembrar, afirmar e resistir – inclusive dançando.

Em contexto escolar

No contexto escolar, especialmente nos Anos iniciais, *Ada, a menina jongueira* oferece possibilidades ricas de articulação interdisciplinar com Língua Portuguesa, História, Arte e Educação Física, além de educação socioemocional. Em Língua Portuguesa, a narrativa poética permite explorar elementos como a estrutura do texto literário, os sentidos sugeridos pelas imagens, a musicalidade da linguagem e a produção de textos a partir da memória. Nesse sentido, a relação de Ada com sua avó e com a memória afetiva da infância permite conversas sensíveis sobre pertencimento, saudade, vínculo familiar e os modos como aprendemos a ser quem somos. Em História, a obra convida à reflexão sobre as tradições orais, os saberes transmitidos entre gerações e a valorização da cultura negra como parte fundamental da história do Brasil. Em Arte, os traços sutis e expressivos das ilustrações podem ser um ponto de partida para releituras visuais, experimentações com colagens, pinturas ou composições inspiradas nas cenas do livro. Em Educação Física, o jongo pode ser explorado como dança e manifestação cultural, possibilitando atividades de corpo, ritmo e roda.

Em contextos de bibliotecas públicas e comunitárias

Em bibliotecas públicas e comunitárias, *Ada, a menina jongueira* pode se tornar um convite para partilhar lembranças, ouvir histórias antigas e celebrar os saberes que passam de geração em geração. Após a leitura, pode-se propor rodas de conversa sobre o que as crianças aprenderam com os mais velhos ou quais músicas, danças ou brincadeiras marcam suas memórias. Atividades como a criação de cadernos de memória, a construção de instrumentos simples, ensaios de rodas de jongo ou oficinas de poesia oral podem ampliar o contato com os temas do livro. As ilustrações também podem inspirar colagens e desenhos de cenas do cotidiano que merecem ser lembradas. O livro também pode provocar reflexões sobre o que cada criança gostaria de guardar na memória ou passar adiante – como um saber jongueiro, uma receita ou um jeito de contar história. Ao acolher essas expressões, a biblioteca se torna um espaço vivo de escuta, cultura e ancestralidade.

MATERIAIS PARA AMPLIAR O REPERTÓRIO

Para aprofundar a exploração da obra Ada, a menina jongueira*, selecionamos materiais que fornecem suporte teórico e prático ao(à) educador(a) mediador(a), ampliando as possibilidades de mediação da leitura, da análise literária e das discussões sociais que permeiam a narrativa. Ao fim, você encontrará as referências utilizadas por nós neste Caderno, e elas também são nossas sugestões.*

Livros

- **CAMPBELL, Joseph**. *O herói de mil faces*. São Paulo: Cultrix, 2007. *Clássico da mitologia comparada. Introduz a "jornada do herói", estrutura narrativa arquetípica presente em muitas tradições orais e obras literárias.*
- **CARINE, Bárbara**. *Como ser um educador antirracista*. São Paulo: Planeta do Brasil, 2023. *Nesta obra, Bárbara Carine apresenta estratégias pedagógicas e reflexões para promover práticas educativas antirracistas.*
- **LERNER, Délia**. *Ler e escrever na escola: o real, o possível e o necessário*. Trad. Ernani Rosa. Porto Alegre: Artmed, 2002. *Para Délia Lerner, é fundamental apresentar os objetos de conhecimento aos(às) alunos(as) em sua complexidade, trazendo os saberes em sua integralidade e rompendo com simplificações e fragmentações. Em resumo, falamos que a aprendizagem progride por sucessivas reorganizações do conhecimento.*

Pesquisas científicas

- **COSSON, Rildo.** Ensino de literatura, leitura literária e letramento literário: uma desambiguação. *Interdisciplinar*, São Cristóvão, UFS, v. 35, jan.-jun., p. 73-92, 2021. Disponível em: https://doi.org/10.47250/intrell.v35i1.15690. Acesso em: 5 fev. 2025. *O artigo de Cosson é essencial para compreender a importância da leitura literária na formação do(a) leitor(a). O autor diferencia os conceitos de ensino de literatura, leitura literária e letramento literário, destacando a necessidade de práticas que estimulem a interpretação crítica e o prazer da leitura.*

- **MARTINS, Ana Amélia Lage**. Mediação e bibliotecas públicas: uma perspectiva dialética. *Perspectivas em Ciência da Informação*, v. 19, no. spe., out./dez. 2014. *O artigo apresenta e discute os diferentes empregos do conceito mediação, enfocando a Ciência da Informação e Biblioteconomia brasileiras, tendo em vista apontar uma perspectiva, com ênfase na dialética, para se pensar a mediação no âmbito das bibliotecas públicas.*
- **SIMONARD, Pedro**. A construção da tradição no jongo da Serrinha: uma etnografia visual do seu processo de espetacularização. *Tese: Doutorado em Ciências Sociais. UERJ.* Rio de Janeiro: UERJ, 2005. Disponível em: https://www.pontaojongo.uff.br/sites/default/files/upload/tese-a_construcao_da_tradicao_no_jongo_da_serrinha_uma_etnografia_visual_do_seu_processo_de_espetacularizacao.pdf. Acesso em: 23 jul. 2025. *A pesquisa analisa elementos acionados por um grupo de moradores ligado a uma das primeiras famílias do morro da Serrinha, para construir uma tradição através do jongo, considerado importante elemento para o processo de recriação de práticas culturais e de identidade étnica.*
- **PENTEADO JÚNIOR, Wilson Rogério**. *Jongueiros do Tamandaré*: um estudo antropológico da prática do jongo no Vale do Paraíba Paulista. 2005. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Unicamp, Campinas, 2005. Disponível em: https://repositorio.unicamp.br/acervo/detalhe/329256. Acesso em: 23 jul. 2025. *Classificado na categoria genérica de "dança de negros" por estudiosos que trataram do assunto, o jongo foi pouco estudado para além de breves descrições dos movimentos corporais da dança e do ritual e, por isso, esta dissertação aprofunda o conhecimento desta prática a partir da atuação de seus praticantes.*
- **PENTEADO JUNIOR, Wilson Rogério**. *Uma trilha ao intangível – olhares sobre o jongo no espetáculo da brasilidade*. 2010. Tese (Doutorado em Antropologia Social) - Unicamp, Campinas, 2010. DOI: https://doi.org/10.47749/T/UNICAMP.2010.770665. Disponível em: http://repositorio.unicamp.br/Acervo/Detalhe/770665. Acesso em: 23 jul. 2025. *Numa discussão articulada com a noção de "brasilidade", o autor propõe uma etnografia sobre o processo de reconhecimento e consequente registro do jongo como Patrimônio Cultural Imaterial do Brasil, atentando para os aspectos discursivos que possibilitaram tal reconhecimento no âmbito das narrativas nacionais.*
- **PENTEADO JUNIOR, Wilson Rogério**. Folcloristas como intérpretes da nacionalidade: notas etnográficas sobre o jongo no "espetáculo da brasilidade". *Arquivos do CMD*, [S. l.], v. 4, n. 1, p. 55-77, 2016. DOI: 10.26512/cmd.v4i1.9159. Disponível em: https://periodicos.unb.br/index.php/CMD/article/view/9159. Acesso em: 23 jul. 2025. *Segundo o artigo, que problematiza a atuação dos folcloristas de meados do século XX, tal círculo de intelectuais teve papel decisivo na inserção do jongo no cenário de uma pretensa "brasilidade", entendida como a essência da nação em sua mais fiel tradução e, posteriormente, no reconhecimento da prática, pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - IPHAN, como Patrimônio Cultural Imaterial do Brasil.*
- **FERREIRA, Beatriz Santana**. *Saravá Dito Ribeiro*: memórias e salvaguarda do jongo em Campinas. 2018. 114 f. Dissertação (Mestrado em História) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2018. Disponível em: https://repositorio.pucsp.br/jspui/handle/handle/21625. Acesso em: 23 jul. 2025. *Tomando a história oral como método, a pesquisa problematiza memórias jongueiras, realça as práticas sociais, projetos e festejos desenvolvidos, bem como a relação com o poder público ligado aos órgãos municipais e ao Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), identificando conquistas, avanços e dificuldades na elaboração e implementação de um plano de salvaguarda local.*

Podcasts

- **JONGO DA SERRINHA.** *Jongo magia*: histórias encantadas e antirracistas para crianças. Disponível em: https://open.spotify.com/show/63ThOgYhAaEUylNR2FVI0y . Acesso em: 23 jul. 2025. *Primeiro livro da "Coleção jongo magia", uma série de histórias para crianças sobre os saberes comunitários da tradição jongueira.*
- **AVERA PODCAST.** *Mestre Cosme (Jongo)*. Disponível em: https://open.spotify.com/show/63ThOgYhAaEUylNR2FVI0y . Acesso em: 23 jul. 2025. *Mestre Cosme, representante do jongo de Barra do Piraí, conversa sobre a tradição.*

Vídeos

- **BRASIL. Ministério da Educação.** *Contos africanos* (Conto e reconto: literatura e (re)criação; parte 2) [vídeo]. TV Escola – Salto para o Futuro. Brasília: Ministério da Educação, 2006. Disponível em: http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=51001. Acesso em: 30 jul. 2025. *A reportagem mostra jovens griôs e griotas, além de uma entrevista com o filósofo angolano Dr. Abdul Ferraz, autor do Programa de Vínculos Étnicos e Culturais (Plec), financiado pelo Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados. Entre outros pontos, Abdul fala sobre a importância dos contos e da figura do soba.*
- **EQUIPE DISQUE.** Disque Quilombola. *[S. l.: s. n.]*, 2016. 1 vídeo (13 min). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=GStv-f_bcfU. Acesso em: 23 jul. 2025. *O vídeo* Disque Quilombola *apresenta uma conversa entre crianças de uma comunidade quilombola e crianças de um morro urbano no Espírito Santo.*

Site

- **JONGO DA SERRINHA**. *Sabedoria Ancestral*. Disponível em: https://jongodaserrinha.org/. Acesso em: 23 jul. 2025. *O jongo ou caxambu é um patrimônio imaterial do Sudeste registrado pelo Iphan em 2005, por uma iniciativa do Jongo da Serrinha e do Quilombo de São José. O Jongo da Serrinha se consolidou como uma das principais instituições da cultura afro-brasileira no país.*

ADA, A MENINA JONGUEIRA, SEUS LEITORES DOS ANOS INICIAIS E CORRELAÇÕES NO AMBIENTE ESCOLAR E EM BIBLIOTECAS

A escola é, para muitas crianças, o único espaço regular de encontro com a literatura. Por isso, a mediação realizada nesses ambientes tem papel decisivo na garantia do direito de imaginar, interpretar e sentir o mundo por meio da leitura literária. Nos Anos Iniciais, especialmente no 5º ano, a escola torna-se um território fértil para consolidar práticas leitoras mais autônomas – que vão além da decodificação e envolvem também a escuta, a partilha e o encantamento. A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) reconhece esse papel ao propor, como uma de suas habilidades essenciais, o contato contínuo e significativo com textos literários. A habilidade EF15LP15 – "Reconhecer que os textos literários fazem parte do mundo do imaginário e apresentam uma dimensão lúdica, de encantamento, valorizando-os, em sua diversidade cultural, como patrimônio artístico da humanidade" – afirma que a literatura não deve ser exceção, mas presença constante no cotidiano escolar.

É nesse horizonte que *Ada, a menina jongueira* se apresenta como uma escolha particularmente significativa para o 5º ano. O livro acompanha uma menina negra que, ao evocar a memória do avô e do tambor, escuta, dança e preserva uma herança cultural viva. A narrativa é breve e poética, construída com lirismo e ternura, revelando a força das tradições orais e musicais que atravessam gerações. A relação entre Ada e o avô jongueiro torna-se, aqui, mais que lembrança: é continuidade. A menina dança com os pés, com a memória e com o afeto, abrindo espaço para que os(as) leitores(as) também escutem o que não está dito – o ritmo do jongo, o cheiro da lenha e o calor da roda.

As ilustrações, delicadas e sugestivas, convidam à leitura visual atenta. Gestos, expressões, cenas familiares e objetos cotidianos – tudo colabora para a construção de sentidos que ampliam a experiência textual. Ao apresentar referências visuais à cultura afro-brasileira, o livro contribui, de modo sensível, para o cumprimento da Lei nº 10.639/2003, que tornou obrigatório o ensino da história e cultura africana e afro-brasileira nas escolas. E mais: ao evocar o jongo – uma dança ancestral e uma prática de resistência associada à formação de quilombos e comunidades negras rurais –, a obra também se articula com os princípios da Educação Escolar Quilombola, como previsto na Resolução CNE/CEB nº 8/2012, que valoriza as práticas culturais, a oralidade, o pertencimento comunitário e a ancestralidade negra.

Por tudo isso, o contato com *Ada, a menina jongueira* deve ser cultivado de forma estruturada, contínua e atravessando diferentes práticas escolares. Ler em voz alta, ouvir as crianças, acolher suas lembranças e criar espaços para que compartilhem seus próprios ritmos e memórias são gestos fundamentais na formação de leitores inteiros – aqueles que leem com o corpo, com o afeto e com o desejo de pertencer. Afinal, como ensina Ada, escutar um tambor é também escutar a si mesmo. E cada leitura que reverbera como um toque de jongo é um chamado para que as crianças reconheçam a beleza daquilo que herdaram – mesmo que ainda não saibam nomeá-lo.

SUGESTÕES DE ATIVIDADES PARA A MEDIAÇÃO DE *ADA, A MENINA JONGUEIRA*

Para apoiar sua atuação na mediação, apresentamos a seguir algumas sugestões de atividades e projetos. Porém, cara mediadora, caro mediador, é importante lembrar que essas são apenas possibilidades, que podem ser seguidas como estão ou adaptadas de acordo com a sua realidade. Além disso, há diversas outras formas de explorar a obra, que vão além das atividades e projetos aqui propostos.

As atividades didáticas são procedimentos que organizam o trabalho didático e pedagógico em uma situação de aprendizagem. Elas são, assim, uma ponte entre os(as) alunos(as) (ou leitores, nosso caso aqui) e um objeto de conhecimento (o livro literário, portanto). Como estamos falando de atividades para um contexto de **mediação de leitura literária** – que, por sua vez, é possivelmente o processo mais central na **formação de leitores literários** –, entendemos que a aprendizagem que pretendemos favorecer aos(às) leitores(as) é justamente o avanço em determinados domínios da leitura (Munita, 2024, p. 65-66), ou seja, sua **autonomia como leitor(a)**.

Para embasar nossas propostas, recorremos ao estudo de Robert Probst, publicado em 1986 no *English Journal*, um texto que, a despeito das quatro décadas de sua publicação, segue profundamente atual e sempre presente nas referências de grandes nomes da pesquisa em mediação. Em "Three Relationships in the Teaching of Literature" (numa tradução literal, "Três relações no ensino de literatura"), Probst defende que o primeiro movimento para quem busca autonomia leitora é relacionar-se com o texto literário. Depois disso, relacionar-se com outros leitores acerca do texto literário e, por fim, relacionar o texto literário lido a outros textos literários.

Nesse sentido, nossas propostas de atividades – sejam elas para contexto escolar ou de biblioteca pública e comunitária – têm a seguinte **intencionalidade pedagógica**: na Atividade 1, sugerimos que o(a) mediador(a) conduza o(a) leitor(a) de maneira analítica a um aspecto marcante do texto literário, isto é, ele(a) deve mergulhar no texto literário, em especial no seu gênero; na Atividade 2, a proposta é que os(as) leitores(as) tenham condições de se conectar uns aos outros enquanto leitores(as) que partilham a mesma obra, que é *Ada, a menina jongueira*; na Atividade 3, apresentaremos outro texto do campo artístico-literário, que será lido tendo em perspectiva a leitura de *Ada, a menina jongueira*.

Atividade 1 – O leitor e o texto

O gênero

Habilidades prioritariamente mobilizadas:

- (EF15LP02) Estabelecer expectativas em relação ao texto que vai ler (pressuposições antecipadoras dos sentidos, da forma e da função social do texto), apoiando-se em seus conhecimentos prévios sobre as condições de produção e recepção desse texto, o gênero, o suporte e o universo temático, bem como sobre saliências textuais, recursos gráficos, imagens, dados da própria obra (índice, prefácio etc.), confirmando antecipações e inferências realizadas antes e durante a leitura de textos, checando a adequação das hipóteses realizadas.
- (EF15LP04) Identificar o efeito de sentido produzido pelo uso de recursos expressivos gráfico-visuais em textos multissemióticos.
- (EF15LP05) Planejar, com a ajuda do professor, o texto que será produzido, considerando a situação comunicativa, os interlocutores (quem escreve/para quem escreve); a finalidade ou o propósito (escrever para quê); a circulação (onde o texto vai circular); o suporte (qual é o portador do texto); a linguagem, organização e forma do texto e seu tema, pesquisando em meios impressos ou digitais, sempre que for preciso, informações necessárias à produção do texto, organizando em tópicos os dados e as fontes pesquisadas.
- (EF15LP06) Reler e revisar o texto produzido com a ajuda do professor e a colaboração dos colegas, para corrigi-lo e aprimorá-lo, fazendo cortes, acréscimos, reformulações, correções de ortografia e pontuação.
- (EF15LP18) Relacionar texto com ilustrações e outros recursos gráficos.

Objetivos de aprendizagem sugeridos:

- Estabelecer expectativas em relação ao texto que será lido.
- Reconhecer as características do gênero livro ilustrado.
- Reconhecer a importância das ilustrações em livros.
- Identificar o efeito de sentido produzido pelo uso de recursos expressivos gráfico-visuais em textos multissemióticos.

- Utilizar seus conhecimentos de mundo para selecionar, durante a conversação, formas de tratamento adequadas, de acordo com a situação e posição do interlocutor.
- Utilizar procedimentos e estratégias de leitura adequados a diferentes objetivos, levando em conta características dos gêneros e suportes.
- Planejar, com a ajuda do(a) professor(a), uma legenda para uma ilustração autoral.
- Revisar a legenda, com a ajuda do(a) professor(a) e dos(as) colegas, para aprimorá-la.

Competências gerais: 3, 4

Competências específicas de Língua Portuguesa: 3, 9

Objetivo geral: analisar o gênero memória a partir do livro *Ada, a menina jongueira*, reconhecendo como a personagem narra lembranças e aprendizados vividos com sua avó e sua comunidade, transformando experiências orais e gestos corporais em palavras escritas.

PARA O CONTEXTO ESCOLAR

Pré-leitura

Apresente o título do livro *Ada, a menina jongueira* e pergunte:

* *Quem aqui já escreveu ou contou uma história para não se esquecer de algo importante?*
* *Será que dá para guardar uma lembrança só escrevendo sobre ela?*
* *Você já ouviu alguém mais velho contar uma história que parecia antiga, mas muito viva?*

Explique que o livro que lerão é uma história inventada, mas que tem muito da vida real. Diga que Ada é uma personagem que fala com a gente como se estivesse contando, de forma carinhosa, o que ela aprendeu com a avó e com o jongo. Fale que esse tipo de texto é uma memória: um jeito de escrever para não esquecer, para guardar coisas que são importantes demais para desaparecer.

Durante a leitura

Faça a leitura em voz alta, com pausas para conversar com a turma. Ajude as crianças a perceberem que Ada está lembrando, escrevendo e explicando ao mesmo tempo. Em alguns momentos, pergunte:

* *Quem está contando a história? Ela está falando de algo que está acontecendo agora ou de algo que já aconteceu?*
* *Ela está falando de si mesma? Como a gente sabe disso?*
* *O que ela quer guardar nessa escrita? É uma receita? Uma dança? Um momento?*
* *Ela está só contando fatos ou também está dizendo o que sente?*

Explique que, mesmo sendo uma personagem fictícia, Ada está escrevendo como se estivesse se lembrando da vida dela. Isso é o que chamamos de memória ficcional: o autor inventa uma personagem que se lembra de coisas que poderiam ter acontecido com muitas pessoas de verdade. Por isso, o que Ada conta tem um valor muito importante – é como se ela guardasse, no corpo e no papel, histórias que foram passadas de geração em geração. Explique que o gênero memória, mesmo quando ela é inventada, carrega sentimentos verdadeiros, jeitos de viver, tradições e vozes que muitas vezes não estão nos livros de história.

Pós-leitura

Depois da leitura, proponha uma conversa com a pergunta:

* *Se vocês fossem guardar uma lembrança importante em um texto, o que escreveriam?*

Explique que a memória de Ada não é só dela. Ela escreve para contar algo que foi passado de geração em geração. Pergunte:

* *Vocês acham que a Ada escreveu esse texto para se lembrar da avó? Ou para ensinar outras pessoas também?*
* *A gente pode aprender com o que os outros lembram?*
* *Será que guardar uma memória pode ser também uma forma de cuidar da cultura?*

Depois da conversa, proponha que cada criança escreva o começo de uma memória, como se fosse uma carta ou um bilhete para alguém do futuro. Pode ser algo que aprendeu com alguém da família, uma brincadeira antiga, uma comida, uma música ou uma festa. O importante é mostrar que a memória tem valor e pode ser passada adiante. As produções podem compor um mural, chamado "Coisas que eu não quero esquecer", com trechos escolhidos pelas próprias crianças.

PARA O CONTEXTO DE BIBLIOTECA PÚBLICA E COMUNITÁRIA

Em contextos de bibliotecas públicas e comunitárias, *Ada, a menina jongueira* pode ser o ponto de partida para conversas sobre memória, cultura afro-brasileira e tradições que são passadas de geração em geração. Para iniciar a mediação, convide as crianças a observarem a capa do livro com atenção. Apresente o nome da autora e da ilustradora, e pergunte:

* *Vocês já viram uma roda de dança parecida com essa?*
* *Conhecem alguma dança tradicional do Brasil?*
* *Já ouviram falar de jongo?*

Acolha todas as respostas com escuta atenta, valorizando diferentes vivências. Explique que o jongo é uma dança muito antiga, de origem africana, preservada por comunidades quilombolas, e que Ada é uma personagem que escreve para lembrar e compartilhar o que aprendeu com sua avó. Diga que o livro é uma memória ficcional: uma história inventada que guarda sentimentos, gestos e saberes que fazem parte da vida de muitas pessoas negras no Brasil. Durante a leitura em voz alta, mostre as imagens com calma, convidando as crianças a observarem como Ada fala com carinho sobre sua avó, sua saia, o tambor e a dança. Você pode parar em alguns momentos e perguntar:

* *O que Ada está tentando guardar na sua escrita?*
* *Ela está se lembrando de alguém? De uma dança? De um jeito de viver?*
* *Vocês já aprenderam algo com alguém da família que gostariam de não esquecer?*

Ao final da leitura, proponha uma conversa sobre como as histórias que ouvimos ou vivemos podem virar textos para se lembrar. Mostre que a memória de Ada não é só dela – é algo que veio antes, mas que ela decidiu passar adiante com as palavras. Pergunte:

* *Vocês acham que a Ada escreveu essa história só para ela?*
* *Será que escrever é um jeito de manter viva uma lembrança importante?*

Para sistematizar, peça que cada criança escreva uma lembrança que gostaria de guardar: pode ser sobre uma dança, uma comida, uma história, uma música ou uma pessoa. Os textos podem ser bilhetes, cartinhas ou pequenos relatos. Com autorização, organize uma exposição, com o título "Memórias que dançam", colando os textos e desenhos em um mural da biblioteca para que a comunidade também possa ler, lembrar e se emocionar.

Atividade 2 – O leitor e os outros leitores

Sobre culturas quilombolas

Habilidades prioritariamente mobilizadas:

- (EF15LP02) Estabelecer expectativas em relação ao texto que vai ler (pressuposições antecipadoras dos sentidos, da forma e da função social do texto), apoiando-se em seus conhecimentos prévios sobre as condições de produção e recepção desse texto, o gênero, o suporte e o universo temático, bem como sobre saliências textuais, recursos gráficos, imagens, dados da própria obra (índice, prefácio etc.), confirmando antecipações e inferências realizadas antes e durante a leitura de textos, checando a adequação das hipóteses realizadas.
- (EF15LP05) Planejar, com a ajuda do professor, o texto que será produzido, considerando a situação comunicativa, os interlocutores (quem escreve/para quem escreve); a finalidade ou o propósito (escrever para quê); a circulação (onde o texto vai circular); o suporte (qual é o portador do texto); a linguagem, organização e forma do texto e seu tema, pesquisando em meios impressos ou digitais, sempre que for preciso, informações necessárias à produção do texto, organizando em tópicos os dados e as fontes pesquisadas.
- (EF15LP09) Expressar-se em situações de intercâmbio oral com clareza, preocupando-se em ser compreendido pelo interlocutor e usando a palavra com tom de voz audível, boa articulação e ritmo adequado.
- (EF15LP10) Escutar, com atenção, falas de professores e colegas, formulando perguntas pertinentes ao tema e solicitando esclarecimentos sempre que necessário.
- (EF15LP15) Reconhecer que os textos literários fazem parte do mundo do imaginário e apresentam uma dimensão lúdica, de encantamento, valorizando-os, em sua diversidade cultural, como patrimônio artístico da humanidade.

Objetivos de aprendizagem sugeridos:

- Participar de momentos de leitura de alguns textos do campo da vida social.
- Listar coletivamente textos que circulam em campos da vida social.
- Reconhecer a função social de textos de campos da vida social.
- Levantar hipóteses sobre o assunto do texto que será lido.
- Levantar hipóteses sobre a forma do texto que será lido.
- Levantar hipóteses sobre a função social do texto que será lido.
- Expressar oralmente seu posicionamento diante de acontecimentos e fatos vivenciados.
- Exercitar a exposição oral, simulando o repasse de informações/recados considerando uma situação real.
- Demonstrar respeito aos turnos de fala na participação em conversação.
- Investigar tema proposto em sala de aula.
- Planejar texto proposto pelo(a) professor(a) em sala de aula a partir de conhecimentos adquiridos.
- Produzir texto proposto pelo(a) professor(a) a partir de conhecimentos adquiridos.
- Identificar valores sociais, culturais e humanos em textos literários.
- Reconhecer a dimensão lúdica do texto literário.
- Reconhecer e valorizar os textos literários como patrimônio artístico da humanidade.

Competências gerais: 3, 4, 6, 9

Competências específicas de Língua Portuguesa: 3, 9

Objetivo geral: reconhecer e valorizar as culturas quilombolas a partir da leitura do livro *Ada, a menina jongueira*, compreendendo como tradições como o jongo são formas de preservar a memória coletiva, transmitir saberes entre gerações e manter vivas as histórias de resistência das comunidades negras no Brasil.

PARA O CONTEXTO ESCOLAR

Pré-leitura

Inicie a mediação com uma conversa aberta com a turma:

* *Vocês já ouviram falar em quilombos?*
* *Sabem quem são os quilombolas?*

* *Vocês acham que a cultura dos quilombos influenciou a cultura brasileira? Em quê?*
* *Vocês conhecem alguma dança, música ou tradição brasileira que venha de comunidades negras do interior do país?*

Escreva no quadro as palavras que forem surgindo. Aproveite para explicar que *Ada, a menina jongueira* é uma história sobre uma menina que se lembra de seu avô tocando jongo – um tipo de dança e canto tradicional e de origem africana, muito presente em comunidades quilombolas do sudeste do Brasil. Diga que vocês vão ler uma história que mistura saudade, dança e cultura ancestral.

Durante a leitura

A leitura pode ser feita de forma compartilhada ou em voz alta pelo(a) professor(a), observando os diferentes níveis de fluência da turma. Durante a leitura, convide os(as) estudantes a observarem também as imagens do livro e faça algumas pausas para perguntas, como:

* *Que elementos da história lembram festas ou rodas de dança?*
* *Vocês já viram algo parecido com o jongo?*
* *O que vocês acham que Ada está tentando lembrar com o corpo?*
* *Vocês conhecem alguma tradição de suas famílias que já foi ensinada pelos mais velhos?*

Você pode anotar as palavras ou sentimentos que surgirem da conversa, como: "memória", "dança", "roda", "tradição", "escutar", "lembrar". Caso surjam dúvidas sobre palavras ou referências culturais, você pode explicá-las e incentivar os participantes a compartilharem suas percepções, enriquecendo a leitura com o repertório coletivo. Em seguida, você pode escrever na lousa o seguinte questionamento:

* **Por que aprender sobre as culturas quilombolas é importante?**

Caso seja possível, você pode reunir a turma para todos compartilharem suas respostas e percepções sobre o livro.

Pós-leitura

Organize a turma em grupos e proponha que cada grupo monte uma parte de um "Mapa do jongo", em formato de painel. O título do mural pode ser: "O som que a memória dança". Cada grupo será responsável por um eixo temático relacionado às culturas quilombolas e ao livro:

- Danças e movimentos;
- Oralidade e ensinamentos passados entre gerações;
- A festa do jongo.

O desafio é:

1. Localizar no livro elementos relacionados a esse tema.
2. Pesquisar, com apoio de livros ou da internet, onde o jongo é praticado no Brasil hoje (como no Vale do Paraíba).
3. Produzir cartazes, desenhos ou textos explicativos sobre esses elementos, que podem ficar expostos na sala ou nos corredores da escola.

PARA O CONTEXTO DE BIBLIOTECA PÚBLICA E COMUNITÁRIA

Mediadora, mediador, nossa proposta é organizar um encontro especial com o tema "O som que a memória dança", inspirado na leitura do livro *Ada, a menina jongueira*. A atividade convida as crianças a escutarem histórias que dançam dentro da gente, mesmo quando a gente acha que as esqueceu. Comece divulgando o evento com antecedência, usando cartazes coloridos na biblioteca, convites orais na vizinhança, bilhetes para as famílias e, se possível, as redes sociais da instituição. No dia do encontro, prepare um espaço acolhedor com almofadas ou cadeiras dispostas em roda. Para iniciar a conversa, pergunte:

* *Vocês já ouviram falar em quilombos? Sabem quem são os quilombolas?*
* *Acham que a cultura dos quilombos influenciou o Brasil? Em quê?*
* *Alguém aqui conhece alguma dança, música ou tradição passada de geração em geração?*

Escreva as respostas que surgirem em um quadro ou cartolina visível a todos, formando uma nuvem de ideias. Em seguida, apresente o livro, dizendo que *Ada, a menina jongueira* é uma história sobre escuta, saudade e heranças que dançam dentro do corpo da gente. Explique que o jongo é uma expressão cultural afro-brasileira muito presente em comunidades quilombolas do sudeste, e que essa dança é o fio condutor da memória de Ada. Durante a leitura em voz alta, mostre as ilustrações com calma, convidando as crianças a observarem os gestos, os tecidos e o movimento. Faça pausas e provoque o grupo com perguntas como:

* *O que vocês acham que Ada está tentando lembrar com o corpo?*
* *Vocês já viram uma dança como essa? Conhecem algo parecido?*
* *Alguém já aprendeu algo com alguém mais velho da família?*

Após a leitura, proponha um momento de roda em que as crianças respondam à pergunta:

* **Por que aprender sobre as culturas quilombolas é importante?**

Valorize todas as falas, mesmo as mais tímidas, e registre as palavras-chave em um cartaz coletivo. Para encerrar a atividade, organize uma produção coletiva de um cartaz. Cada grupo ou criança pode escolher um dos seguintes temas:

- Danças e movimentos do corpo;
- Histórias e saberes dos mais velhos;
- A festa do jongo.

Com base no livro e em pesquisas simples (podem ser feitas com o seu apoio, com livros da biblioteca ou até com vídeos previamente selecionados), cada grupo pode criar um cartaz com desenhos, colagens ou pequenos textos. Sugira que incluam também QR Codes com músicas de jongo ou fotos de comunidades jongueiras. Monte o cartaz na própria biblioteca, com o título "O som que a memória dança", e convide as famílias e a comunidade para visitar a exposição e escutar, com as crianças, os ecos dessa memória em movimento. Convide-as também a conhecerem o livro sobre o qual é a atividade.

Atividade 3 – O texto e outros textos

A roda de jongo

Habilidades prioritariamente mobilizadas:

- (EF35LP03) Identificar a ideia central do texto, demonstrando compreensão global.
- (EF15LP15) Reconhecer que os textos literários fazem parte do mundo do imaginário e apresentam uma dimensão lúdica, de encantamento, valorizando-os, em sua diversidade cultural, como patrimônio artístico da humanidade.
- (EF15AR13) Identificar e apreciar criticamente diversas formas e gêneros de expressão musical, reconhecendo e analisando os usos e as funções da música em diversos contextos de circulação, em especial, aqueles da vida cotidiana.
- (EF15AR23) Reconhecer e experimentar, em projetos temáticos, as relações processuais entre diversas linguagens artísticas.
- (EF15AR25) Conhecer e valorizar o patrimônio cultural, material e imaterial, de culturas diversas, em especial a brasileira, incluindo-se suas matrizes indígenas, africanas e europeias, de diferentes épocas, favorecendo a construção de vocabulário e repertório relativos às diferentes linguagens artísticas.

Objetivos de aprendizagem sugeridos:

- Reconhecer que os textos literários fazem parte do mundo imaginário e apresentam uma dimensão lúdica.
- Reconhecer os usos e as funções da música em diversos contextos.
- Reconhecer a importância de textos literários em sua diversidade cultural.
- Identificar a ideia central do texto.
- Identificar diversas formas de gêneros de expressão musical.
- Identificar o patrimônio cultural, material e imaterial de culturas diversas, com ênfase nas culturas africanas.
- Experimentar as relações processuais entre linguagens artísticas.

Competências gerais: 3, 9

Competências específicas de Língua Portuguesa: 3, 9

Competência específica de Arte: 3

Objetivo geral: refletir sobre como a dança pode guardar lembranças e histórias que fazem parte da vida de muitas pessoas, mesmo que elas não estejam escritas nos livros.

PARA O CONTEXTO ESCOLAR

Pré-leitura

Comece com uma conversa sobre lembranças. Pergunte:

* *Você já se lembrou de alguma coisa só por ouvir um som ou uma música?*
* *Tem alguma dança ou brincadeira que faz você se lembrar de alguém da sua família?*

Anote as respostas no quadro. Em seguida, mostre a capa do livro *Ada, a menina jongueira*. Diga que o livro conta a história de uma menina que dança jongo, um tipo de canto com dança muito antigo, que veio da África e foi guardado por muitas pessoas negras que moravam em quilombos no Brasil. Explique, com calma, que quilombos são comunidades onde pessoas negras viveram depois de fugir da escravidão e que muitas dessas comunidades ainda existem hoje e guardam tradições muito importantes, como o jongo. Então, questione:

* *Vocês acham que a dança pode contar histórias?*
* *Dá para se lembrar de alguma coisa só com o corpo, sem falar?*

Durante a leitura

Leia o livro em voz alta, com atenção ao ritmo e às imagens. O texto tem repetições que lembram músicas e danças. Vá parando em alguns trechos para perguntar:

* *O que vocês acham que a Ada sente quando dança?*
* *Ela sabe o que está lembrando? Ou é o corpo dela que se lembra sozinho?*
* *Tem alguma parte do livro que parece uma música ou um poema?*

Valorize as falas das crianças. Explique que, mesmo sem saber tudo sobre o jongo, Ada dança como se já conhecesse – é como se o corpo dela soubesse coisas antigas que ninguém ensinou com palavras. Diga que isso acontece com muitas pessoas negras no Brasil: mesmo que a história oficial não conte tudo, existem memórias que continuam vivas no canto, na roda, na festa e no corpo. Então, mostre para elas o vídeo do ponto de jongo do Tamandaré do Grupo Cachuera (Pôr, 2013). Depois, você pode perguntar:

* *Vocês acham que o jongo que Ada dança é parecido com esse?*
* *Será que o corpo também pode se lembrar, assim como a cabeça?*

Pós-leitura

Depois de assistir ao vídeo e conversar sobre o jongo, reúna as crianças em roda para pensar junto: como o corpo de Ada parece guardar uma lembrança? Mesmo sem ninguém explicar, ela começa a dançar e, aos poucos, as palavras também aparecem. Peça para as crianças refletirem:

* *O que vocês acham que o corpo da Ada está lembrando quando ela dança?*
* *Ao dançar o jongo, ela está sozinha ou junto de outras pessoas mesmo que não apareçam no livro?*
* *Por que será que essa dança é tão importante para ela?*

Anote no quadro as palavras que surgirem, como: "lembrança", "família", "voz", "tradição", "quilombo", "respeito" ou "ancestrais". Explique que, mesmo quando não sabemos tudo sobre uma tradição, nosso corpo e nossos sentimentos podem guardar partes dela – como se fossem lembranças passadas de geração em geração, mesmo sem estarem escritas em nenhum livro. Então, proponha uma escrita coletiva com a turma: juntos, escrevam um pequeno texto respondendo à pergunta: "Como o jongo pode manter vivas as culturas quilombolas?". Você pode começar anotando ideias no quadro. Depois que a turma terminar de escrever o texto, monte um painel, com o título **"O que a dança conta?"**, colando o texto coletivo e ilustrando com desenhos inspirados na roda do jongo, nos gestos de Ada e nas palavras-chave que surgiram. Esse painel pode ficar na sala ou nos corredores da escola, para que outras turmas também possam conhecer a força dessa tradição. Finalize reforçando com a turma que a dança também é uma forma de escrever memórias – com o corpo, com a voz e com o coração.

PARA O CONTEXTO DE BIBLIOTECA PÚBLICA E COMUNITÁRIA

Prezada mediadora, prezado mediador, nossa sugestão é organizar uma roda de leitura com o tema "O corpo também lembra", inspirada no livro *Ada, a menina jongueira*. Para isso, prepare um espaço acolhedor na biblioteca, com tapetes, almofadas ou bancos dispostos em círculo. A divulgação pode ser feita com cartazes no bairro, nas redes sociais da biblioteca, por convites orais ou até um som ambiente com músicas de jongo para chamar a atenção dos visitantes. No dia do encontro, comece perguntando:

* *Você já se lembrou de alguma coisa só por ouvir um som ou uma música?*
* *Tem alguma dança ou brincadeira que faz você se lembrar de alguém da sua família?*

Em seguida, mostre a capa do livro e conte, em poucas palavras, que *Ada, a menina jongueira* é uma história sobre uma menina que dança o jongo – um canto e dança de origem africana, mantido vivo por comunidades quilombolas. Explique, com cuidado, que quilombos são lugares onde pessoas negras viveram depois de fugir da escravidão e que muitas dessas comunidades existem até hoje, com festas, rodas e tradições importantes. Faça a leitura do livro em voz alta, com calma, convidando os participantes a observarem também as imagens. Durante a leitura, pare em alguns momentos e pergunte:

* *O que vocês acham que a Ada sente quando dança?*
* *Será que é possível se lembrar de algo só com o corpo, sem precisar falar?*
* *Essa dança parece com alguma que vocês conhecem?*

Depois da leitura, apresente o vídeo do ponto de jongo do Tamandaré do Grupo Cachuera (Pôr, 2013). Converse com o grupo:

* *O jongo do vídeo parece com o da história de Ada?*
* *Será que essa dança ajuda a se lembrar de coisas importantes?*

Finalize o encontro com uma proposta coletiva: escrever, junto com as crianças e os adultos que estiverem presentes, um pequeno texto a partir da pergunta:

* *Como o jongo pode manter vivas as culturas quilombolas?*

Essa escrita pode ser feita em um cartaz ou em tiras de papel coladas em um mural da biblioteca, com desenhos e palavras das crianças ao redor. Dê um título bonito, como "O que a dança conta?". Esse mural pode ser exposto por alguns dias, convidando outros visitantes da biblioteca a ler, desenhar e escrever também.

PROJETOS DE LEITURA: PROPOSTAS PARA EXPLORAR ESTA OBRA LITERÁRIA

Projetos didáticos são ações organizadas e organizadoras do tempo e dos assuntos e temas que envolvem uma situação-problema. Seu objetivo é, assim, articular propósitos didáticos (o que se deve aprender) e propósitos sociais (como esse projeto impactará a comunidade), oferecendo mais sentido às práticas de aprendizagem, escolarizadas ou não. É importante também que você saiba, prezada mediadora, prezado mediador, que a demanda de um projeto geralmente parte de seu público, que se torna corresponsável pelo processo e pela aprendizagem.

Considerando isso, sugerimos a seguir a estrutura de dois projetos que podem ser aplicados tanto na escola quanto na biblioteca pública ou comunitária. Contudo, é fundamental que você avalie a pertinência de cada um deles a seu contexto e, se for o caso, faça as adaptações cabíveis, para que todos possam ter uma experiência orgânica, rica e significativa. No ambiente escolar, os projetos costumam surgir a partir das vivências, curiosidades e demandas da turma, cabendo ao(à) educador(a) mediador(a) acompanhar e orientar esse processo. Além disso, seja no ambiente escolar ou em espaços comunitários, o cronograma para as etapas descritas deve ser elaborado pelo(a) mediador(a), que é quem conhece a realidade local e pode ajustar a proposta conforme as necessidades do grupo.

Projeto 1 – Roda de jongo

Habilidades prioritariamente mobilizadas:

- (EF15LP05) Planejar, com a ajuda do professor, o texto que será produzido, considerando a situação comunicativa, os interlocutores (quem escreve/para quem escreve); a finalidade ou o propósito (escrever para quê); a circulação (onde o texto vai circular); o suporte (qual é o portador do texto); a linguagem, organização e forma do texto e seu tema, pesquisando em meios impressos ou digitais, sempre que for preciso, informações necessárias à produção do texto, organizando em tópicos os dados e as fontes pesquisadas.
- (EF15LP09) Expressar-se em situações de intercâmbio oral com clareza, preocupando-se em ser compreendido pelo interlocutor e usando a palavra com tom de voz audível, boa articulação e ritmo adequado.

- (EF15LP15) Reconhecer que os textos literários fazem parte do mundo do imaginário e apresentam uma dimensão lúdica, de encantamento, valorizando-os, em sua diversidade cultural, como patrimônio artístico da humanidade.
- (EF15LP16) Ler e compreender, em colaboração com os colegas e com a ajuda do professor e, mais tarde, de maneira autônoma, textos narrativos de maior porte como contos (populares, de fadas, acumulativos, de assombração etc.) e crônicas.
- (EF35EF09) Experimentar, recriar e fruir danças populares do Brasil e do mundo e danças de matriz indígena e africana, valorizando e respeitando os diferentes sentidos e significados dessas danças em suas culturas de origem.

Objetivos de aprendizagem sugeridos:

- Reconhecer que os textos literários fazem parte do mundo do imaginário e apresentam uma dimensão lúdica, de encantamento.
- Reconhecer textos literários como patrimônio artístico da comunidade.
- Reconhecer e valorizar as culturas quilombolas a partir da leitura do livro *Ada, a menina jongueira*.
- Reconhecer que tradições como o jongo são formas de preservar a memória coletiva, transmitir saberes entre gerações e manter vivas as histórias de resistência das comunidades negras no Brasil.
- Ler, em colaboração com os colegas e com ajuda do(a) professor(a), um livro ilustrado.
- Expressar-se em situações de intercâmbio oral com clareza.
- Expressar-se com tom de voz audível, boa articulação e ritmo adequado em situações de intercâmbio oral.
- Utilizar seus conhecimentos quanto ao gênero, finalidade, interlocutor, circulação, entre outros para produzir texto solicitado pelo(a) professor(a).
- Relacionar texto com ilustrações e outros recursos gráficos.
- Planejar e produzir o texto que será produzido.

Competências gerais: 3, 9

Competências específicas de Língua Portuguesa: 3, 9

Competência específica de Educação Física: 7

Objetivo geral: reconhecer a importância do jongo como expressão cultural afro-brasileira e experimentar, por meio da leitura, da escuta e da dança, como os gestos e os cantos podem guardar histórias, memórias e ensinamentos passados de geração em geração.

Justificativa: o jongo é uma expressão artística afro-brasileira que une dança, canto e ancestralidade. Presente principalmente em comunidades quilombolas, essa manifestação mantém viva a tradição oral e corporal herdada de pessoas negras escravizadas e transmitida por meio das rodas. O livro *Ada, a menina jongueira* apresenta essa prática de forma poética e afetiva, valorizando a memória que dança no corpo. Na obra, o jongo é uma maneira de estabelecer laços e construir novas conexões na vida. Promover o contato das crianças com o jongo é oferecer uma vivência concreta de cultura e pertencimento, fortalecendo a valorização das heranças afro-brasileiras na escola e nos territórios de leitura.

PARA O CONTEXTO ESCOLAR

Etapa 1 – Leitura compartilhada e conversa sobre o corpo que lembra

Organize a turma em uma roda para a leitura compartilhada do livro *Ada, a menina jongueira*. Durante a leitura em voz alta, convide as crianças a observarem com atenção as imagens e a musicalidade do texto. Faça pausas em momentos-chave para conversar sobre o que está acontecendo e o que a personagem está sentindo. Algumas perguntas que podem orientar esse momento são:

* *O que vocês acham que a Ada sente quando começa a dançar?*
* *Ela sabe exatamente o que está lembrando ou parece que o corpo dela lembra sozinho?*
* *Que partes do texto parecem uma música ou um poema?*

Acolha as respostas com cuidado, destacando que o corpo pode guardar memórias mesmo quando a cabeça não se lembra de tudo. Explique, de forma acessível, que o jongo é uma dança muito antiga que veio da África e que foi mantida viva por pessoas negras em comunidades chamadas quilombos – lugares onde muitos conhecimentos e tradições continuam sendo transmitidos até hoje.

Etapa 2 – Vivência do jongo com o(a) professor(a) de Educação Física

Convide o(a) professor(a) de Educação Física para ajudar na vivência de uma roda de jongo com a turma. A ideia é criar uma experiência acessível e respeitosa com a cultura apresentada no livro, valorizando os gestos, o ritmo e o canto coletivo. Se possível, prepare o espaço com tambores, chocalhos ou até palmas marcando o compasso. As crianças podem formar uma roda e experimentar os movimentos simples da dança, com vaivém dos pés, giros, balanço do corpo e gestos com os braços. Durante a roda, incentive a turma a perceber:

* *Como o corpo se movimenta com a música?*
* *É possível sentir uma emoção só com o gesto?*
* *Será que cada passo guarda uma lembrança, como no livro de Ada?*

O objetivo não é decorar uma coreografia, mas sentir a dança como linguagem – como uma forma de contar histórias sem palavras.

Etapa 3 – Escrita coletiva: o que a dança conta

Depois da vivência, reúna a turma para uma roda de conversa. Pergunte:

* *O que vocês sentiram ao dançar o jongo?*
* *O que o corpo de Ada parecia estar lembrando quando dançava?*
* *Por que será que essa dança era tão importante para ela?*

Anote no quadro as palavras que surgirem, como: “lembrança”, “roda”, “tambor”, “avô”, “tradição”, “quilombo”, “corpo” ou “canto”. A partir dessas ideias, oriente a turma a escrever, coletivamente, um pequeno texto respondendo à pergunta: **Como o jongo pode manter viva as culturas quilombolas?** Você pode ir anotando as frases ditas pelas crianças no quadro e, depois, organizá-las junto com elas em um único texto.

Produto final: monte com a turma um painel, com o título **“O que a dança conta?”**, incluindo o texto coletivo e desenhos inspirados na roda de jongo, nos gestos de Ada e nas palavras-chave da conversa. Esse painel pode ser exposto na escola para que outras turmas também possam conhecer a força da memória dançada. Se quiserem, é possível gravar a vivência com a roda de jongo (com autorização das famílias) e incluir uma legenda com o texto produzido pelas crianças, criando um pequeno vídeo coletivo que celebra a ancestralidade presente no corpo e na dança.

PARA O CONTEXTO DE BIBLIOTECA PÚBLICA E COMUNITÁRIA

Etapa 1 – Divulgação do encontro: “O corpo que dança histórias”

Mediadora, mediador, para começar este projeto, organize uma roda de leitura aberta à comunidade, com o tema: *“O corpo que dança histórias”*. A divulgação pode ser feita com cartazes coloridos nos arredores da biblioteca, convites orais nas escolas próximas, postagens nas redes sociais da instituição ou bilhetes enviados para as famílias. Se possível, utilize a imagem da capa do livro *Ada, a menina jongueira* como chamada visual – ela pode despertar curiosidade e interesse pelo tema da dança e da memória. No convite, inclua a proposta: “Vamos ler juntos uma história sobre roda, jongo e lembranças guardadas no corpo – e depois vivenciar a dança que atravessa gerações”.

Etapa 2 – Leitura compartilhada e conversa sobre o corpo que lembra

No dia do encontro, organize um espaço acolhedor com almofadas, tapetes ou cadeiras em roda. Inicie com uma conversa aberta, perguntando:

* *Alguém aqui já se lembrou de alguma coisa só por ouvir uma música ou ver uma dança?*
* *Tem alguma brincadeira ou gesto que lembra alguém da sua família?*

Em seguida, leia o livro *Ada, a menina jongueira* em voz alta, mostrando as ilustrações e fazendo pausas para conversar com o grupo. Valorize as percepções do público e pergunte:

* *O que vocês acham que a Ada sente quando começa a dançar?*
* *Ela lembra com a cabeça ou com o corpo?*
* *Como vocês acham que essa dança foi passada até ela?*

Explique, com cuidado e sensibilidade, que o jongo é uma dança de origem africana que faz parte da cultura de comunidades quilombolas – e que dançar pode ser uma forma de manter viva a história dessas comunidades.

Etapa 3 – Vivência da roda de jongo com educador convidado

Se possível, convide um(a) educador(a) físico(a), artista da comunidade ou praticante de jongo para conduzir uma vivência leve e respeitosa de roda. Os(As) participantes podem experimentar movimentos simples, como o vaivém dos pés, giros, balanços e palmas, acompanhados de música ou cantos tradicionais. Pode-se utilizar gravações, como o vídeo do ponto de jongo do Tamandaré do Grupo Cachuera (Pôr, 2013). Durante a roda, incentive a percepção:

* *Como o corpo se sente nessa dança?*
* *É possível se lembrar de algo sem usar palavras?*
* *O que será que o corpo da Ada estava tentando contar?*

Se quiserem, para registrar o momento, o grupo pode também produzir desenhos, que podem ficar expostos na biblioteca junto de exemplares do livro que podem ser levados pelos visitantes.

Projeto 2 – Os muitos saberes quilombolas

Habilidades prioritariamente mobilizadas:

- (EF15LP09) Expressar-se em situações de intercâmbio oral com clareza, preocupando-se em ser compreendido pelo interlocutor e usando a palavra com tom de voz audível, boa articulação e ritmo adequado.
- (EF15LP13) Identificar finalidades da interação oral em diferentes contextos comunicativos (solicitar informações, apresentar opiniões, informar, relatar experiências etc.).
- (EF35LP01) Ler e compreender, silenciosamente e, em seguida, em voz alta, com autonomia e fluência, textos curtos com nível de textualidade adequado.
- (EF35LP26) Ler e compreender, com certa autonomia, narrativas ficcionais que apresentem cenários e personagens, observando os elementos da estrutura narrativa: enredo, tempo, espaço, personagens, narrador e a construção do discurso indireto e discurso direto.

Objetivos de aprendizagem sugeridos:

- Identificar finalidades da interação oral em diferentes contextos comunicativos.
- Ler textos com nível de textualidade adequado.
- Explicar textos lidos.
- Expressar-se, em situações de intercâmbio oral, com clareza.
- Utilizar a palavra com tom de voz audível, boa articulação e ritmo adequado, tendo em vista ser compreendido pelo interlocutor.
- Experimentar práticas de compartilhamento de leitura/recepção de obras literárias.

- Defender sua apreciação de textos literários.
- Distinguir significados presentes na cultura material e na tradição oral dessas sociedades.
- Elaborar comentários de ordem estética e afetiva a partir da recepção de obras literárias.
- Elaborar textos de diferentes gêneros, a partir de seus conhecimentos sobre especificações.

Competências gerais: 1, 4, 6, 9

Competências específicas de Língua Portuguesa: 3, 9

Objetivo geral: valorizar os saberes ancestrais quilombolas transmitidos entre gerações por meio da oralidade, do canto, da dança e dos objetos simbólicos, como a saia de jongo. Reconhecer que tradições culturais são formas importantes de ensinar e aprender, mesmo fora dos livros.

Justificativa: no livro *Ada, a menina jongueira*, conhecemos a história de uma menina que aprende sobre o jongo com sua avó, por meio da roda, do canto e da dança. Sem lições explicadas ou falas didáticas, é no gesto, no ritmo e na convivência que a tradição se comunica. A saia de jongo, passada de mão em mão, torna-se também uma forma de passar memória. Este projeto propõe um mergulho na ideia de que muitos saberes quilombolas são guardados não em livros, mas em gestos, objetos, danças e silêncios cheios de sentido.

PARA O CONTEXTO ESCOLAR

Etapa 1 – Divulgação e convite à comunidade

Para começar o projeto, organize uma campanha de divulgação, convidando famílias e moradores da comunidade para um encontro na escola. Produza, junto com as crianças ou com a equipe da biblioteca ou da sala de leitura, cartazes com a pergunta: **"Você já aprendeu algo importante com alguém da sua família?"**. Os cartazes podem ser fixados em espaços estratégicos, como o portão da escola, o posto de saúde, o mercado local ou centros comunitários. Se possível, compartilhe o convite também em grupos em aplicativos de mensagem da comunidade. No cartaz, inclua data, horário e local do encontro.

Etapa 2 – Leitura compartilhada e roda de conversa

No dia marcado, organize um espaço acolhedor na biblioteca ou sala de leitura da escola, com almofadas, livros e materiais para anotação e desenho. Se não for possível utilizar a biblioteca ou a sala de leitura, é possível adaptar um espaço na própria sala de aula – ajustando as cadeiras e mesas de forma que seja liberado um espaço central e circular. Faça a leitura em voz alta da obra *Ada, a menina jongueira*, mostrando as imagens e fazendo pausas para escutar o grupo. Após a leitura, conduza uma conversa com perguntas como:

* *O que a avó de Ada ensinou para ela, mesmo sem usar muitas palavras?*
* *Por que a saia de jongo era tão importante?*
* *Vocês já aprenderam algo importante com alguém mais velho da família ou da comunidade?*

Valorize todas as falas e anote palavras importantes que surgirem, como "memória", "tradição", "família", "quilombo", "respeito" ou "sabedoria".

Etapa 3 – Coleta de saberes da comunidade

Convide cada participante – adulto ou criança – a conversar com alguém de sua família, vizinhança ou grupo cultural e registrar um saber ou ensinamento que tenha sido passado de geração em geração. Pode ser uma história, uma receita, uma cantiga, um jeito de plantar, uma crença ou um ensinamento de vida. Os registros podem ser feitos de diferentes formas:

- Por escrito (com apoio da equipe da biblioteca, se necessário);
- Por áudio (usando celular, com autorização);
- Ou apenas recontados oralmente no próximo encontro.

Etapa 4 – Produção de um livro coletivo

Reúna os registros coletados e organize com os participantes a produção de um livro coletivo, com o título escolhido em grupo (por exemplo: *Saberes que dançam*, *Histórias de dentro da roda*, *O que aprendi com minha avó*). O material pode conter textos, frases curtas, fotos ou desenhos feitos pelas próprias crianças e familiares.

Etapa 5 – Apresentação pública e celebração dos saberes

Para encerrar, promova um novo encontro na biblioteca para apresentar o livro coletivo. O espaço pode ser organizado com roda de conversa, exposição das páginas impressas, varal de desenhos e, se desejarem, leitura de alguns trechos pelas crianças ou familiares. Caso alguém da comunidade saiba dançar jongo ou cantar cantigas tradicionais, esse pode ser um momento de partilha viva da cultura.

Produto final: um **livro** coletivo reunindo os saberes passados por familiares e membros da comunidade, inspirados pelo universo simbólico de *Ada, a menina jongueira*. O material pode permanecer em exposição na biblioteca ou circular entre as escolas e espaços públicos da comunidade.

PARA O CONTEXTO DE BIBLIOTECA PÚBLICA E COMUNITÁRIA

Mediadora, mediador de biblioteca pública e comunitária, você pode propor o seguinte projeto para os participantes da mediação de *Ada, a menina jongueira*:

Etapa 1 – Divulgação e convite à comunidade

Mediadora, mediador, para iniciar o projeto, sugerimos organizar uma ação de divulgação pela comunidade. Produza, junto com a equipe da biblioteca ou com crianças frequentadoras, cartazes com a pergunta: *"O que você aprendeu com sua avó, com seu avô, com alguém da sua família?"*. Os cartazes podem ser afixados em pontos estratégicos, como o mercado, o posto de saúde, igrejas ou praças. Inclua data, horário e local do encontro de leitura, incentivando a participação de adultos e crianças. Se possível, envie também o convite por redes sociais ou grupos em aplicativos de mensagem da comunidade.

Etapa 2 – Leitura compartilhada e roda de conversa

No dia do encontro, organize um espaço acolhedor com almofadas, livros e materiais para anotação e desenho. Faça a leitura em voz alta da obra *Ada, a menina jongueira*, valorizando o ritmo e a musicalidade do texto. Em seguida, proponha uma roda de conversa com perguntas como:

* *Que tipo de saberes a avó de Ada ensinou para ela, mesmo sem usar palavras?*
* *O que a saia de jongo representa na história?*
* *Vocês já aprenderam algo importante com alguém da família ou da comunidade?*
* *Por que é importante se lembrar dessas histórias e tradições?*

Convide os participantes de todas as idades a conversar sobre um saber que tenha sido passado de geração em geração. Pode ser uma história, um canto, uma receita, uma dança ou um ensinamento.

Etapa 3 – Produção de um mural

Com os saberes "reunidos", preparem o mural *"Histórias da nossa roda"*, que pode ter trechos do livro escritos, falas transcritas, desenhos e fotos. Esse momento é uma oportunidade de fortalecer os vínculos e valorizar as memórias locais.

BIBLIOGRAFIA COMENTADA

A bibliografia a seguir foi utilizada na produção deste caderno sobre a obra Ada, a menina jongueira. *Assim como os materiais complementares, essas referências também são sugestões para ampliar as possibilidades de mediação da leitura, da análise literária e das discussões sociais que permeiam a obra.*

BARNETT, Mac. *A passagem secreta: Porque os livros infantis são uma coisa muito séria*. Trad. Kátia Chiaradia. Campinas: Nanabooks, 2024. *No livro, Mac Barnett defende a sensibilidade e o valor da literatura infantil, rejeitando a ideia de que existem livros "para crianças" e "livros de verdade". Barnett revela o preconceito que a sociedade ainda mantém em relação às infâncias e questiona a ideia de que apenas adultos podem ser leitores plenos.*

BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular.* Brasília: MEC, 2018. Disponível em: http://download.basenacionalcomum.mec.gov.br/. Acesso em: 16 jun. 2025. *A BNCC é um documento normativo que define as aprendizagens essenciais que todos os estudantes brasileiros têm direito de desenvolver na Educação Básica.*

CAJÉ, Marcos. *Akin: o rei de Igbo*. Ilustrações de Rodrigo Cândido. Rio de Janeiro: Malê, 2020. *Marcos Cajé recria em forma de narrativa mítica (itan) a história de um jovem destinado a libertar seu povo da tirania. Inspirado em tradições e mitos das religiões de matriz africana, o livro valoriza a ancestralidade e o imaginário do povo Igbo, articulando aventura, espiritualidade e herança cultural.*

CASTRILLÓN, Silvia. *Biblioteca na escola*. São Paulo: Pulo do Gato, 2024. *A autora defende a presença ativa das bibliotecas nas escolas como agentes de formação crítica e acesso à leitura. O livro explora a mediação de leitura como prática pedagógica que fomenta a autonomia leitora e a reflexão social, essencial para projetos educativos inclusivos.*

EVARISTO, Conceição. Da grafia-desenho de minha mãe, um dos lugares de nascimento de minha escrita. *In:* DUARTE, Constância Lima; HOLLANDA, Heloísa Buarque (orgs.). *Escritoras brasileiras do século XIX*. Rio de Janeiro: Rocco, 2000. *Ensaio em que Evaristo relaciona memória familiar, oralidade e ancestralidade ao nascimento de sua escrita, base para o conceito de escrevivência.*

EVARISTO, Conceição. *Entrevista concedida à Revista Cult.* São Paulo, ano 18, n. 199, maio 2015. Disponível em: https://revistacult.uol.com.br/home/conceicao-evaristo-escrevivencia/. Acesso em: 24 jul. 2025. *Entrevista em que a autora explica a escrevivência como escrita de experiência e resistência das mulheres negras, unindo vida e literatura.*

GOMES, Nilma Lino. *Educação e identidade negra*. Belo Horizonte: Autêntica, 2005. *Obra essencial para compreender a educação como processo de afirmação identitária e resistência nas comunidades negras. A autora destaca o quilombo como espaço educativo de pertencimento e memória.*

HESSE, María. *Frida Kahlo*: uma biografia. Tradução de Alexandre Boide. São Paulo: L&PM, 2018. *Assim como em Ada, a menina jongueira, em que as imagens ampliam a força da memória inventada, esta obra de María Hesse combina texto e ilustração para criar uma narrativa poética.* Frida Kahlo: uma biografia *entrelaça episódios de vida, trechos de cartas e diários com imagens simbólicas e expressivas, revelando como Frida transformou dor em arte e reinventou sua própria existência.*

MOISÉS, Massaud. *Dicionário de termos literários*. 12. ed. revista. São Paulo: Cultrix, 2013. *Obra com mais de setecentos verbetes, que podem ir da informação sintética de algumas linhas ao pequeno ensaio analítico de várias páginas.*

MUNITA, Felipe. *Eu, Mediador(a)*: mediação e formação de leitores. São Paulo: Solisluna, 2024. *Munita oferece uma visão contemporânea da mediação, valorizando o papel do mediador como leitor sensível e agente cultural.*

PÔR DO SOM. Grupo Cachuera! – Roda de Jongo no Espaço Cachuera (Ponto de Jongo do Tamandaré, Guaratinguetá–SP). *[S. I.: s. n.]*, 2013. 1 vídeo (4 min). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=a_1uj0e3bD8. Acesso em: 22 jul. 2025. *O vídeo apresenta uma roda de jongo realizada pelo Grupo Cachuera! no Espaço Cachuera, em Guaratinguetá (SP), evidenciando como essa manifestação cultural afro-brasileira permanece viva em comunidades quilombolas e urbanas.*

PROBST, Robert E. Three Relationships in the Teaching of Literature. *The English Journal,* v. 75, n. 1, p. 60-68, 1986. Disponível em: https://doi.org/10.2307/816550. Acesso em: 26 mai. 2025. *Texto clássico que propõe três relações fundamentais na formação da leitura literária: com o texto, com o outro e consigo.*

SOMÉ, Sobonfu. *O espírito da intimidade: bênçãos da tradição africana para a vida amorosa*. Trad. Carlos Eduardo Lins da Silva. Petrópolis: Vozes, 2018. *A obra evoca uma visão coletiva, espiritual e afetiva da vida, a partir da filosofia ancestral do povo Dagara, Burkina faso.*

TAUVERON, C. *Lire la littérature à l'ecole: Porquoi et comment conduire cet apprentissage spécifique?* Paris: Hatier, 2002. *O autor discute por que a leitura literária deve ocupar um lugar central na formação dos estudantes e propõe caminhos metodológicos para que esse trabalho vá além da simples decodificação de textos.*

Notas finais

1 É graduada em Letras, mestre e doutora em Teoria e História Literária pela Unicamp. Trabalha com formação docente e materiais de literatura em contexto escolar há mais de uma década. A presença da literatura na escola é também o tema de sua pesquisa de pós-doutorado na UERJ. Tem poucas certezas, mas uma delas é de que ensinar é um superpoder. É meio geek, meio nerd e deseja vida longa e próspera à literatura.